

LINHAS DA VIDA  
LIFELINES  
CHIHARU  
SHIOTA

**Patrocínio [Sponsorship]**  
**Banco do Brasil**

**Realização [Realization]**  
**Ministério da Cidadania**  
**Centro Cultural Banco do Brasil**

FICHA CATALOGRÁFICA

ARRUDA, Tereza de  
Chiharu Shiota: Linhas da vida/ Tereza de Arruda (curadora).  
São Paulo: Base7 Projetos Culturais, 2019.  
92 p.: il. col. 26 x 21 cm.  
ISBN: 978-85-62094-31-6

1. Shiota, Chiharu. 2. Arte contemporânea  
I. Arruda, Tereza de. II. Título.

**Ministério da Cidadania** apresenta  
**Banco do Brasil** apresenta e patrocina a exposição

LINHAS DA VIDA  
LIFELINES  
CHIHARU  
SHIOTA

**Tereza de Arruda**  
curadora [curator]

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL  
São Paulo, SP, 2019 | Brasília, DF e Rio de Janeiro, RJ, 2020



Além da memória [Beyond Memory] 2019 Instalação [Installation]: lã e folhas de papel [wool and sheets of paper]



O Ministério da Cidadania e o Banco do Brasil apresentam a exposição *Chiharu Shiota | Linhas da vida*, uma revisita à trajetória da artista japonesa que, por meio de sua arte, percorre suas experiências pessoais, os ciclos da vida e a memória.

A curadoria de Tereza de Arruda reúne desde os principais projetos do início da carreira de Shiota, em 1994, até instalações inéditas inspiradas no Brasil. Seus trabalhos *site specific* (ou seja, em lugares específicos) e em grande escala, frequentemente compostos por emaranhados de linhas, traduzem a multidisciplinaridade de Chiharu Shiota, uma artista cuja produção se desdobra em diversas linguagens, como performances, fotografias, instalações e pinturas.

A partir do conceito da existência de uma conexão universal entre todos os seres e, sobretudo, utilizando uma linguagem artística de caráter singular, sublime e tomada de elementos triviais, as mais de 70 obras, organizadas em cinco núcleos, são um convite da artista para que o visitante reflita sobre a vida, seu propósito, conexões e memórias.

Ao apresentar *Linhas da vida* no período em que o Banco do Brasil comemora 30 anos de investimento no poder transformador da cultura, o CCBB reforça o seu compromisso com a democratização do acesso à arte, celebra a parceria com a Japan House São Paulo e oferece ao público uma relevante imersão na obra dessa artista plástica contemporânea.

The Ministry of Citizenship and Banco do Brasil are presenting the exhibition *Chiharu Shiota | Lifelines*, a review of the trajectory of the Japanese artist who, through her art, examines her personal experiences, cycles of life and memory.

The curatorship by Tereza de Arruda covers everything since the first projects from the outset of Shiota's career, in 1994, up to never-before-shown installations inspired by Brazil. Chiharu Shiota's large-scale site-specific works evince her multidisciplinary nature as an artist whose production is unfolded in different artistic languages which include performances, photographs, installations and paintings.

Based on the concept of the existence of a universal connection between all beings and, above all, using an artistic language of a singular, sublime character composed with trivial elements, the more than 70 artworks, organized in five sections, are an invitation from the artist for the visitor to reflect about life, his or her purpose, connections and memories.

By presenting *Lifelines* during the period in which Banco do Brasil is celebrating 30 years of investment in the transformative power of culture, the CCBB reinforces its commitment to the democratization of access to art, celebrates partnership with Japan House São Paulo, and offers the public a relevant immersion into the work of this contemporary visual artist.



Linha Interna [Internal Line] 2019 Instalação [Installation]: fio, corda, vestido [thread, rope, dress] Japan House, São Paulo, SP

## OS MUITOS FIOS DE SHIOTA

### SHIOTA'S MANY THREADS

Cordão umbilical. Veias do corpo. Linhas das mãos.  
Laços de sangue. Laços de fita. Amarras. Fios soltos.  
Fios desencapados. Caminhos que se fundem. Mapas de rotas.  
Rotas de fuga. Vidas tecidas. Histórias que se cruzam.

Chiharu Shiota trabalha com muitos fios para levantar questões que nem sempre têm resposta. Se inspira em sua percepção pessoal sobre a torrente de emoções humanas.

Com extraordinário impacto visual, grandiosidade em tamanho e significado. Com sua cor forte e viva, que remete ao sangue. Usando os vestidos como uma alusão a uma segunda pele, aquela que apresentamos ao mundo todo, sem distinção nem privilégios. Essa pele aqui é nossa proteção. Nosso casulo. Onde nos escondemos, mas também o que de nós escolhemos mostrar.

Pela lenda japonesa que serviu de inspiração para a instalação *Linha interna*, um fio vermelho é amarrado na ponta do dedinho de uma criança quando ela nasce. Esse fio é a continuação do circuito de veias, que parte do coração e percorre o corpo todo. Essa linha, invisível, se conectará à de outra pessoa, unindo-as para sempre. Destino. O impacto que essas duas vidas causarão, uma na outra, é profundo. E não há nada que se possa fazer.

Unindo todos esses elementos da complexa teia que forma a vida, Shiota representa sentimentos impalpáveis, como dor, memória, insegurança, relações humanas, estado de espírito. E destino. São inspirações constantemente representadas em suas obras como uma energia que se dissipa. Se no centro aparece mais estável, cria movimento nas extremidades. Assim se apresenta a instalação da Japan House São Paulo. Amarrada numa extremidade, tem a outra ponta solta, livre, desconectada. Esperando ser atada.

Em uma parceria entre o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) e a Japan House São Paulo, o público tem a oportunidade de ver um importante conjunto da obra da artista em dois tempos: na ampla mostra retrospectiva e na instalação inédita, criada para a Japan House após uma visita da artista em agosto de 2019.

Um panorama completo e incomparável da obra dessa grande artista japonesa contemporânea.

Natasha Barzaghi Geenen  
Diretora Cultural [Cultural Director]  
Japan House São Paulo

An umbilical cord. Veins of the body. Lines of the hands.  
Bonds of blood. Bonds of ribbon. Knots. Loose threads,  
bare threads. Paths that merge. Maps of routes.  
Escape routes. Woven lives. Histories that intercross.

Chiharu Shiota works with many threads to raise questions that do not always have an answer. She draws inspiration from her personal perception on the torrent of human emotions.

With extraordinary visual impact, grandiose size and meaning. With their strong and vibrant color, which refers to blood. Using dresses as an allusion to a second skin, which we present to the entire world, without distinction or privileges. This skin here is our protection. Our cocoon. It's where we hide, but also what we choose to show of ourselves.

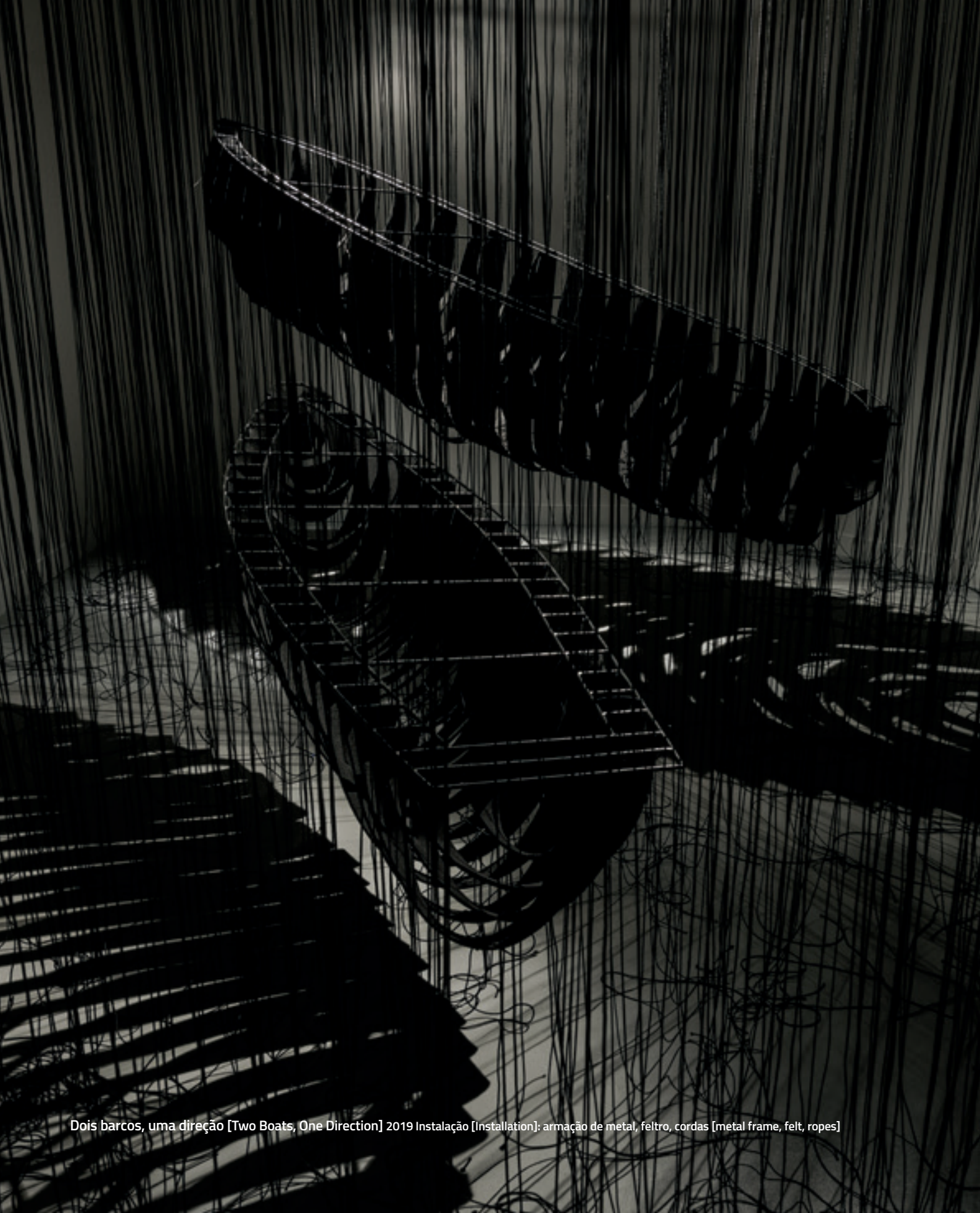
According to the Japanese legend that inspired the installation *Internal Line*, a red thread is tied to the tip of a child's little finger when she is born. This thread is the continuation of the circuit of veins, which start from the heart and run through the entire body. This invisible line is connected to that of another person, uniting them forever. Destiny. The impact that these two lives will cause on one another is profound. And there is nothing that can be done.

Uniting all these elements of the complex web that makes up our lives, Shiota represents intangible feelings such as pain, memory, insecurity, human relationships, a state of spirit. And destiny. They are inspirations constantly represented in her works as an energy that dissipates. If in the center it appears more stable, at the extremities it creates movements. This is how the installation at Japan House São Paulo is presented. Tied at one end, it has another end loose, free, disconnected. Waiting to be tied.

At this show held in partnership between the Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) and Japan House São Paulo, the public have the opportunity to see an important set of artworks by the artist in two times: in the broad retrospective show and in the never-before-shown installation created for the Japan House after a visit by the artist in August 2019.

A complete and incomparable overview of the work of this great Japanese contemporary artist.





Dois barcos, uma direção [Two Boats, One Direction] 2019 Instalação [Installation]: armação de metal, feltro, cordas [metal frame, felt, ropes]

A Base7 Projetos Culturais tem a honra de organizar a exposição *Chiharu Shiota | Linhas da vida*, no Centro Cultural Banco do Brasil, e a instalação *Linha interna*, na Japan House São Paulo, sob a curadoria de Tereza de Arruda.

A efetivação de mostras como essas, por sua complexidade e delicadeza, é sempre um grande desafio. Nesse processo, a Base7 reuniu e coordenou várias equipes que aglutinam em torno de si diversos saberes especializados. Esse dado aponta para o quanto, nas últimas décadas, o setor cultural brasileiro cresceu e ganhou importância estratégica na geração de empregos e no oferecimento de conteúdo de qualidade à população.

É de extrema importância lembrar que isso se deu sob as graças da Lei Federal de Incentivo à Cultura, a “Lei Rouanet”, e às várias leis correspondentes nas esferas estaduais e municipais. Também se fez importante o empenho dos governantes e da sociedade civil em considerar e planejar um futuro para a área da cultura, entendendo sua profunda relevância social e econômica.

Agradecemos a Chiharu Shiota e a sua equipe, bem como à curadora. Somos gratos ao Banco do Brasil e ao Centro Cultural Banco do Brasil por patrocinar e acolher essa exposição em São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro. Agradecemos o apoio institucional da Japan House São Paulo, que, no período em que a exposição estiver na cidade, recebe a instalação da artista, que depois seguirá para as outras praças. Do mesmo modo, agradecemos o apoio da Pingouin, que forneceu mais de 4 mil novelos de lã para a execução das obras.

Por fim, agradecemos a todas as equipes que trabalharam incansavelmente para que a obra de Chiharu Shiota pudesse ser vista aqui no Brasil.

Arnaldo Spindel  
Ricardo Ribenboim

Base7 Projetos Culturais has the honor of organizing the exhibition *Chiharu Shiota | Lifelines*, at the Centro Cultural Banco do Brasil, and the installation *Internal Line*, at the Japan House São Paulo, curated by Tereza de Arruda.

Due to their complexity and delicateness, producing shows like these is always a great challenge. In this process, Base7 gathered and coordinated various teams of professionals with different skills. This indicates how much the cultural sector in Brazil has grown in recent decades, gaining a strategic importance in job creation and the provision of high-quality content to the population.

It is important to remember that this has taken place thanks to the Federal Cultural Incentive Law, the “Rouanet Law,” and various corresponding laws at the state and municipal levels. Another important factor is the dedication by the government and civil society to consider and plan for the future in the cultural field, understanding its profound social and economic relevance.

We are grateful to Chiharu Shiota and her team, as well as to the curator. We also thank Banco do Brasil and Centro Cultural Banco do Brasil for sponsoring and hosting this exhibition in São Paulo, Brasília and Rio de Janeiro. We are grateful for the institutional support from Japan House São Paulo, which during the run of the exhibition in the city host the artist’s installation, which will then travel to other venues. We are likewise grateful for the support from Pingouin, furnishing more than 4,000 skeins of yarn for the execution of the works.

Last but not least, we thank all the teams who worked tirelessly so that Chiharu Shiota’s work could be seen here in Brazil.





Além da memória [Beyond Memory] 2019 Instalação [Installation]: lã e folhas de papel [wool and sheets of paper]

12  
Corpo  
[Body]

24  
Suas Linhas da Vida  
[Her Lifelines]





44  
Memória  
[Memory]

70  
Universo  
[Universe]

80  
Linha Interna  
[Internal Line]

82  
Cronologia  
[Timeline]



CORPO  
BODY



**No banheiro**  
[In the Bathroom]  
2002  
c-prints  
60 x 80 cm





**Tente e vá para casa**

**[Try and Go Home]**

1997

c-print, fotos da performance  
de mesmo nome  
[photographs of the performance  
with the same title],  
Domaine de Kerguéhennec,  
Bignan, França

27 x 41,5 cm







**Terra e sangue**  
**[Earth and Blood]**

2013

instalação com seis canais  
de vídeo HD, cor, som  
[6 channel  
video installation HD,  
colour, sound]

duração [duration]  
16'9









**Tornando-se pintura**

**[Becoming Painting]**

1994

c-print, fotos da performance de mesmo nome [photographs of the performance with the same title], The Australian National University School of Art, Canberra, Austrália

114 x 80 cm  
cada peça [each one]





**Célula**

[Cell]

2019

técnica mista  
[mixed media]

36 x 36 x 36 cm  
23 x 23 x 23 cm  
10 x 19 x 26 cm  
9 x 17 x 27 cm  
8 x 14 x 24 cm







Além da memória [Beyond Memory] 2019 Instalação [Installation]: lã e folhas de papel [wool and sheets of paper]





LINHAS DA VIDA  
LIFELINES  
CHI HARU  
SHIOTA



# CHIHARU SHIOTA

## SUAS LINHAS DA VIDA

### [HER LIFELINES]

**Tereza de Arruda**  
curadora [curator]  
Berlim, outubro  
[Berlin, October] 2019

Chiharu Shiota nasceu em Osaka, em 20 de maio de 1972. No princípio de 1992, passou a estudar pintura na Universidade de Kyoto Seika, com Saburo Muraoka<sup>1</sup>, mas percebeu ainda durante a sua formação que a pintura por si só não poderia satisfazer seu impulso artístico. Entre 1993 e 1994, teve sua primeira estada no exterior, participando do programa de intercâmbio entre a sua universidade e a Canberra School of Art, na Austrália. Foi quando ela criou sua primeira performance, *Tornando-se pintura*. Nesse ato, libertando-se do meio pictórico e de seu suporte convencional, transformou o instrumento de suas obras de arte em sua própria existência e gerou uma linguagem visual direta, expandida e pessoal para a sua criação. Envolta em um tecido branco, a artista se embebeu em tinta esmalte vermelha, transformando-se assim na sua própria pintura. Com essa ação, acabou por realizar um sonho que tivera algumas noites antes, dando veracidade ao desejo de expandir sua perspectiva e atuação artística. Essa primeira apresentação performática mudou sua vida. O trabalho foi documentado em fotos que hoje nos permitem ver a imagem de um corpo frágil

Chiharu Shiota was born in Osaka, on May 20, 1972. In early 1992, she began studying painting at Kyoto Seika University, with Saburo Muraoka,<sup>1</sup> but perceived during her training that painting by itself could not satisfy her artistic impulse. Between 1993 and 1994 she participated in an exchange program between her university and the Canberra School of Art, in Australia. This was when she created her first performance, *Becoming Painting*. In that action, breaking free from the pictorial realm and its conventional support, transformed her tool for making art into her own existence and gave rise to a direct, expanded and personal visual language for her artistic creation. Wrapped in a swath of white fabric, the artist soaked herself in red enamel paint, thus transforming herself into her own painting. With this action, she lent reality to a dream that she had had a few nights before, making her desire to expand her artistic perspective and activity come true. This first performative presentation changed her life. The work was documented in photos that now allow us to see the image of a fragile body saturated in red paint. A girl with a surprised and

<sup>1</sup> Saburo Muraoka (Osaka, Japão, 1928–2013) iniciou seu percurso com pintura convencional e desenvolveu uma carreira de arte conceitual, representada por objetos e instalações.

<sup>1</sup> Saburo Muraoka (Osaka, Japan, 1928–2013) began his artistic path in conventional painting and developed a career of conceptual art, represented by objects and installations.



e saturado em tinta vermelha. Uma garota com um olhar remoto e surpreso encara o espectador. Esse cenário lembra o banho de sangue provocado por uma chacina ou as performances do artista vienense Hermann Nitsch<sup>2</sup>, que se envolve radicalmente com carne e sangue desde a década de 1950. Ao usar esses materiais orgânicos, ele revê as principais características da vida: morte e nascimento, dor e alegria, pelas quais a sociedade estimula sua investigação artística. As performances de Shiota, no entanto, não têm suas raízes em questões de política ou religião; pelo contrário, são atravessadas por um caráter biográfico. Experiências e desejos fundamentais nos permitem vivenciar as pinturas o mais intensamente possível – seja da perspectiva do artista criador ou do receptor observador. A tinta usada em *Tornando-se pintura* era tóxica e, ainda durante a apresentação, Chiharu Shiota já podia sentir a pele queimando. Seu cabelo também foi afetado e teve de ser cortado. A tinta só desapareceu de sua pele depois de alguns meses. Eis aí o ritual inicial para a magnitude de sua obra, cristalizada em seu percurso e por ela exemplificado verbalmente: “Eu, meu eu, minha emoção e o material fazem parte do ritual de criar arte”<sup>3</sup>.

Sua primeira instalação também foi concebida durante o ano de residência na Austrália, e deu origem à obra *Acumulação*, em que uma rede construída pelo acúmulo de fios pretos cria um espaço delimitado dentro de um ambiente já existente. Na trama final, observamos bolotas visíveis a conectar linhas, pensamentos e traços individuais, ocultando o meticuloso e demorado processo de elaboração e produção. Como uma figura fantasmagórica, um novo ser se estende e ocupa a arquitetura

faraway look stares at the spectator. This scene is reminds us of the bloodbath brought about by a massacre or of the performances of Viennese artist Hermann Nitsch,<sup>2</sup> who has radically wrapped himself with blood and meat since the 1950s. By using these organic materials, he revisits the main characteristics of life: death and birth, pain and happiness, through which society stimulates his artistic investigation. Shiota's performances, however, are not rooted in political or religious questions; rather, they are pervaded by a biographical character. Desires and events essential to life allow us to experience the paintings in the most intense way possible – whether through the perspective of the artist who created it, or the observer who receives it. The paint used in *Becoming Painting* was toxic and, even during the performance, Chiharu Shiota could already feel her skin burning. Her hair was also affected and had to be cut. The paint only disappeared from her skin after several months. This was the initial ritual for the magnitude of her work, crystallized in her path and exemplified by her verbally: “Me, myself, my emotion, and the material are part of the ritual of creating art.”<sup>3</sup>

Her first installation was also conceived during her year of residence in Australia, which gave rise to the work *Accumulation*, in which a network constructed by the accumulation of black threads created a delimited space within an already existing environment. In the final weave, we observe visible acorns connecting lines, thoughts and individual traces, concealing the meticulous and slow process of the work's development and production. Like a phantasmagoric figure, a new being is extended and occupies the existing architecture,

2 Hermann Nitsch (Viena, Áustria, 1938) é um pintor e artista de performance. Ele é um importante representante do ativismo vienense. Em seu Teatro de Orgias Misteriosas, os atores interagem com sangue, vísceras de animais, procissões, crucificações simbólicas, música, dança e gestos ritualísticos, os quais se tornam uma nova forma de *Gesamtkunstwerk*: uma festa pagã voltada para uma catarse coletiva.

3 Chiharu Shiota. *Unter der Haut/Under the Skin*. Berlin: Hatje Cantz Verlag, 2017, p. 10.

2 Hermann Nitsch (Vienna, Austria, 1938) is a painter and performance artist. He is an important representative of Viennese activism. In his Theater of Mysterious Orgies, the actors interact with blood, animal viscera, processions, symbolic crucifixions, music, dance and ritualistic gestures, which have become a new form of *Gesamtkunstwerk*: a pagan festival aimed at a collective catharsis.

3 Chiharu Shiota. *Unter der Haut/Under the Skin*. Berlin: Hatje Cantz Verlag, 2017, p. 10.

existente, por meio de sua nova e inusitada presença orgânica. As linhas se dissolvem como em um desenho tridimensional e lembram vestígios da pintura a nanquim popular na Ásia. O fio de linha tornou-se a partir daí o *leitmotif* na obra de Shiota e a característica distintiva em sua arte.

Ao concluir seus estudos no Japão em março de 1996, a jovem artista percebeu que, para seguir e expandir seu próprio percurso, teria de se separar não apenas da pintura tradicional, mas também do seu ambiente. Shiota optou então por se fixar na Alemanha, onde estudou artes plásticas, inicialmente na Faculdade de Arte de Braunschweig (HBK), entre 1997 e 1999, com Marina Abramović<sup>4</sup>, e depois na Academia de Artes (AdK) em Berlim, entre 1999 e 2003, com Rebecca Horn<sup>5</sup>. Nesse contexto, a jovem artista expandiu seu potencial artístico.

Shiota mudou-se intencionalmente para a Alemanha, por causa da arte contemporânea que ali se produzia na época e também pelos expoentes dessa constelação. Nos primeiros anos após a Queda do Muro de Berlim, em 1989, e com a conseqüente Reunificação da Alemanha, em 1990, uma euforia única era visível no país. Essas transformações sociopolíticas e culturais coincidiam com a intenção da jovem artista de superar suas próprias limitações e desbravar novos territórios. Na época, Berlim já era consagrada por desempenhar um papel fundamental na história da arte contemporânea. Desde o fim da Guerra Fria, vários artistas nacionais e internacionais se reuniram na capital restabelecida da Alemanha. Eles chegavam por meio de programas de intercâmbio, subsídios ou, como Shiota, simplesmente por iniciativa própria. Cheia de curiosidade, energia e entusiasmo, ela veio descobrir o “laboratório” de Berlim e explorar a si mesma. Longe de sua origem, ali foi capaz de se

through its new and unusual organic presence. The lines are dissolved as in a three-dimensional drawing and recall vestiges of the painting made with India ink popular in Asia. From that point onward, the use of the thread as a line became the leitmotif of Shiota’s work and the distinctive characteristic in her art.

Upon finishing her studies in Japan in March 1996, the young artist perceived that in order to move forward and extend her artistic path, she would need to separate not only from traditional painting, but also from her environment. Shiota thus decided to reside in Germany, where she studied visual arts, initially at the Braunschweig College of Art (HBK), between 1997 and 1999, with Marina Abramović,<sup>4</sup> and later at the Berlin Arts Academy (AdK) between 1999 and 2003, with Rebecca Horn.<sup>5</sup> In this context, the young artist expanded her artistic potential.

Shiota moved intentionally to Germany, for the contemporary art that was being produced there at that time and also for the leading figures of that constellation. In the first years after the fall of the Berlin Wall, in 1989, and with the consequent Reunification of Germany, in 1990, a unique euphoria was visible in the country. These sociopolitical and cultural transformations coincided with the young artist’s intention to overcome her own limitations and to pioneer new territories. At that time, Berlin was already recognized for playing a fundamental role in the history of contemporary art. Since the end of the Cold War, various national and international artists had gotten together in the reestablished capital of Germany. They arrived there through exchange programs, grants, or, like Shiota, simply on their own initiative. Full of curiosity, energy and enthusiasm, she began to discover the “laboratory” of Berlin and to explore herself. Far from her origin, there she was

4 Marina Abramović (Belgrade, Sérvia, 1946) é uma das artistas pioneiras e de maior reconhecimento no âmbito da performance.

5 Rebecca Horn (Michelstadt, Alemanha, 1944) é artista, escultora e cineasta.

4 Marina Abramović (Belgrade, Serbia, 1946) is one of the first pioneers and most widely recognized artists in the field of performance art.

5 Rebecca Horn (Michelstadt, Germany, 1944) is an artist, sculptor and filmmaker.

reorientar e agir, sem ter de levar em consideração sua procedência cultural ou ambiente pessoal. Ela não estava preocupada em criar uma nova identidade, mas em viver uma nova existência, ocupada e revigorada pela arte.

Em 2015, Shiota já havia obtido reconhecimento como uma das maiores protagonistas da arte contemporânea mundial. Naquele ano, como resultado de sua árdua jornada de determinação e diligência, ela se tornou a primeira artista a viver fora do Japão a ter sido convidada a representar seu país de origem no Pavilhão Japonês na Bienal de Veneza.

Suas novas raízes desprendidas deram-lhe mobilidade e vivacidade. Em meados dos anos 1990, Berlim estava em estado de transição. Para Shiota, era hora de estudar, aprender, se familiarizar e socializar. Passeava frequentemente pela cidade, um processo que a ajudou a solidificar inúmeras ideias e obras de arte – as raízes de sua nova existência. Na Alemanha, Shiota teve nove moradias distintas. O desejo e a importância de um lugar próprio levou-a a usar, como motivo central em suas instalações, objetos pessoais e móveis, a exemplo de camas – camas acompanham a vida de todas as pessoas em diversas fases (nascimento e morte geralmente acontecem sobre uma mera cama). A ideia surgiu depois de tecer uma pequena instalação em seu próprio quarto.

A resposta positiva que Shiota recebeu provém, justamente, de sua linguagem artística, pois ela idealiza seus trabalhos a partir de itens do cotidiano, lembranças e objetos encontrados caídos e até mesmo em desuso. Sua perspectiva subjetiva e sua experiência são os pontos de partida para a concepção de seus trabalhos, nos quais aborda assuntos como memória, lar, migração, vida e morte. Como tal, sapatos gastos, malas velhas, chaves, peças de vestuário, móveis e cartas tornam-se figuras centrais em suas amplas instalações envoltas em tramas de lã. Sua narrativa é clara e não depende de idioma, nacionalidade, religião ou embasamento cultural.

able to reorient herself and to act without having to consider her cultural background or personal environment. Her goal was not to create a new identity, but rather to live a new existence, occupied and reinvigorated by art.

In 2015, Shiota had already become recognized as one of the leading lights of contemporary art worldwide. In that year, as a result of her arduous journey of determination and diligence, she became the first artist living outside Japan to ever be chosen to represent her country of origin in the Japanese Pavilion at the Venice Biennale.

Her new detached roots gave her mobility and vivacity. In the mid-1990s, Berlin was in a state of transition. For Shiota, it was a time to study, to learn, to familiarize and to socialize. She went on frequent outings around the city, in a process that helped her to solidify countless ideas and artworks – the roots of her new existence. While living in Germany, Shiota had nine different addresses. The importance of a place of her own, coupled with her yearning to have one, led her to use personal objects and furniture as a central motif in her installations, such as beds – which accompany the life of everyone in different phases (birth and death generally take place on a mere bed). The idea arose after weaving a small installation in her own bedroom.

The positive response that Shiota received stems precisely from her artistic language, since she conceives her work based on items from everyday life, recollections and objects found lying around or even in disuse. Her subjective outlook and experience are the starting points for the conception of her works, in which she deals with subjects such as memory, home, migration, life and death. It is for this reason that worn shoes, old luggage, keys, items of clothing, furniture and letters have become central figures in her large installations enveloped in weaves of yarn. Her narrative is clear and does not depend on spoken languages, nationality, religion or one's cultural basis.





Além da memória [Beyond Memory] 2019 Instalação [Installation]: lã e folhas de papel [wool and sheets of paper]





L'AMBITO DA VIVERE  
CHI HARU  
SHIOTA  
2



Além da memória [Beyond Memory] 2019. Instalação [Installation]: lã e folhas de papel [wool and sheets of paper]





*Linhas da vida* é o título escolhido pela artista para esta mostra. Intencionalmente, elaborei este texto introdutório da publicação exaltando as linhas de sua própria vida, sua carreira e existência, as quais acompanhei e agora compartilho com o público por meio desta mostra. As obras de Shiota e a documentação<sup>6</sup> concebida durante seu trajeto são o ponto de partida para o entendimento e a contextualização de sua produção de forma mais ampla.

#### EXPOSIÇÃO CHIHARU SHIOTA | LINHAS DA VIDA

A exposição *Chiharu Shiota | Linhas da vida*, concebida para o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), é sua primeira mostra retrospectiva na América Latina a percorrer as cidades de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro. Ela apresenta desde obras do início da carreira da artista, em 1994, até trabalhos inéditos, realizados especificamente para este contexto. A partir do percurso e da existência de Shiota, e portanto com uma essência autobiográfica, muitas dessas obras, como as instalações, possuem um caráter efêmero, assim como é transitório o próprio ciclo da vida. Segundo a artista:

“A exposição itinerante *Chiharu Shiota | Linhas da vida* apresenta várias características da vida humana, como a nossa existência, a morte e os relacionamentos. Assim que o espectador entrar no espaço criado, quero que ele reflita sobre sua vida, seu propósito, suas conexões e sua memória. Com minhas instalações, como a obra central *Além da memória*, quero unir as pessoas no Brasil, não importando sua origem, sua posição social, formação educacional,

6 Como resultado de um acompanhamento contínuo da produção de Chiharu Shiota nos últimos anos, fui curadora de diversas exposições da artista, entre elas, da mostra concomitante *Linha interna*, na Japan House de São Paulo (2019); de sua primeira mostra retrospectiva na Alemanha, *Under the Skin*, na Kunsthalle Rostock (2017), acompanhada da monografia publicada pela editora Hatje Cantz; da mostra coletiva *In your Heart/In your City*, com a participação de Chiharu Shiota, Takafumi Hara, Tatsumi Orimoto e Yukihiko Taguchi, no KØS Museum of Art in Public Spaces, na Dinamarca (2016); assim como da primeira mostra individual de Chiharu Shiota na América Latina, realizada no Sesc Pinheiros, em São Paulo (2015).

Just as *Lifelines* is the title chosen by the artist for this exhibition, I have intentionally developed this introductory text of the publication praising the lines of her own life, her career and existence, which I have accompanied and now share with the public through this show. The works by Shiota and the documentation<sup>6</sup> conceived over the course of her career are the starting point for a broader understanding and contextualization of her production.

#### EXHIBITION CHIHARU SHIOTA | LIFELINES

The exhibition *Chiharu Shiota | Lifelines*, conceived for the Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), is the artist's first retrospective show in Latin America that will travel to the cities of São Paulo, Brasília and Rio de Janeiro. It features works spanning from the beginning of the artist's career, in 1994, up to entirely new works, made specifically for this context. Based on Shiota's career and existence, and therefore with an autobiographical essence, many of these works, including the installations, have an ephemeral quality, just as the cycle of life itself is transitory. According to the artist:

“The traveling show *Chiharu Shiota | Lifelines* presents various characteristics of human life, such as our existence, death and relationships. As the spectator enters the space created, I want him to reflect on his life, his purpose, his connections and his memory. With my installations, such as the central work *Beyond Memory*, I want to unite the people in Brazil, regardless of their origin, their social position,

6 As a result of my continuous accompaniment of Chiharu Shiota's production in recent years, I have been the curator of various exhibitions by the artist, including the concomitant show *Internal Line*, at Japan House São Paulo (2019); of her first retrospective show in Germany, *Under the Skin*, at Kunsthalle Rostock (2017), accompanied by the monograph published by the Hatje Cantz publishing house; of the group show *In your Heart/In your City*, with the participation of Chiharu Shiota, Takafumi Hara, Tatsumi Orimoto and Yukihiko Taguchi, at KØS Museum of Art in Public Spaces, in Denmark (2016); as well as Chiharu Shiota's first solo show in Latin America, held at Sesc Pinheiros, in São Paulo (2015).

nacionalidade ou qualquer outro fator divisor. Como humanos, devemos nos unir e questionar o nosso propósito na vida e o porquê de estarmos aqui”.<sup>7</sup>

As obras selecionadas destacam o percurso artístico de Chiharu Shiota, que se caracteriza por um desprendimento dos suportes convencionais da pintura, tornando-a protagonista de sua ação performática, em busca de uma atuação expandida. Há temas que a acompanham por toda a sua carreira, entre os quais se destacam objetos pessoais – como chaves, vestuário, cartas –, além de mobiliário, ou ainda elementos ícones da transitoriedade, como barcos. Fotografias, vídeos, desenhos e objetos foram selecionados meticulosamente para que esta mostra possa proporcionar uma imersão no universo de Chiharu Shiota.

*Chiharu Shiota | Linhas da vida* possui uma cronologia de segmentos temáticos abrangentes do trabalho da artista. O percurso inicia-se com foco no tema “Corpo”, muito recorrente na obra de Shiota, desde os primórdios de sua produção. Na sequência surgem duas abordagens: *Tornando-se pintura*, em que a artista incorpora em si e expande o ato pictórico, e *A Chave na mão*, uma alusão ao compartilhamento do domínio privado. Há ainda um tema mais lúdico, sob o mote *Conexão com o Universo*, além do núcleo *Tecendo o espaço*, um percurso pelo ato do fazer e da criação manual, que sublinha diversos cenários de peças de teatro ou instalações da artista, utilizadas como “palco” para performances e atuações de artistas convidados. Pontualmente, são apresentadas duas instalações *site specific*. *Além da memória*, concebida como um trabalho coletivo a resguardar memórias anônimas, e *Dois barcos, uma direção*, como metáfora da transitoriedade humana, sem destino pré-definido. A partir da trilogia *Corpo / Memória / Universo*, segue um relato desse percurso.

7 Relato da artista no processo preparatório desta mostra, em 16 ago. 2019.

educational background, nationality or any other divisive factor. As humans, we should unite and question our own purpose in life and why we are here.”<sup>7</sup>

The works selected for the show provide a view to Chiharu Shiota’s artistic path, which is characterized by a detachment from the conventional supports of painting, making her the protagonist of her performative action, searching for an expanded activity. There are themes that have recurred throughout her career, including personal objects – keys, clothing, letters – as well as furniture, or even elements representing transitoriness, such as boats. Photographs, videos, drawings and objects were meticulously selected so that this show could provide an immersion into Chiharu Shiota’s universe.

*Chiharu Shiota | Lifelines* possesses a chronology of thematic segments encompassing the artist’s work. The exhibition path begins with a focus on the *Body* theme, very recurrent in Shiota’s work, since the outset of her production. Two approaches arise in sequence: *Becoming Painting*, in which the artist incorporates the pictorial act in herself, expanding it, and *The Key in the Hand*, an allusion to the sharing of the private realm. There is also a more playful theme, under the lemma *Connection with the Universe*, as well as the section *Weaving the Space*, a stroll through the act of creation and making-by-hand, featuring various theater sets or installations by the artist, used as a “stage” for performances by herself and invited artists. Two installations are presented: the site-specific work *Beyond Memory*, conceived as a collective work for storing anonymous memories, and *Two Boats, One Direction* as a metaphor for human transitoriness, without a predefined destiny. Based on the triad *Body / Memory / Universe*, a report on this path follows.

7 Report by the artist on the preparatory process for this show, on August 16, 2019.



## CORPO

A perspectiva subjetiva e a experiência da artista são os pontos de partida de sua produção, em que ela aborda assuntos relevantes ligados à existência humana, para todo o ciclo da vida – identidade, memória, fragilidade e doença. O trabalho de Shiota evolui a partir de uma dinâmica orgânica de fazer e criar. Nota-se aqui que, em uma mesma temática, há uma abrangência de obras distintas, sejam elas filmes resultantes de performances intimistas, tendo a artista como única protagonista em um relato pessoal, ou peças de vestuário – que na perspectiva de Shiota são como uma segunda pele humana, que carrega em si os traços e vestígios da experiência e da memória vivenciadas quando do seu uso por um corpo presente ou inexistente. Este é o caso da escultura *Estado de ser*, composta por um imenso vestido suspenso sustentado por um corpo ausente. Dele nos resta sua silhueta e traços na vestimenta, a ressaltar a memória construída em uma existência prévia.

A partir dos primórdios de sua atuação artística, ainda como estudante, a artista se posicionou como protagonista de sua obra, ao fazer uso do próprio corpo como elemento de expressão artística. Esse ato subjetivo e espontâneo pode ser visto como uma atitude neorrealista, se partirmos da perspectiva da recente história da arte. Esse foi um movimento iniciado na Europa no início da década de 1960, fundado pelo crítico de arte francês Pierre Restany e pelo artista Yves Klein, entre outros. Segundo Restany: “o novo realismo registra a realidade sociológica sem qualquer intenção controversa”<sup>8</sup>. Essa ideia se enquadrava nos movimentos artísticos da época ou os justificava, como diversas performances e ativismos artísticos concebidos para uma apresentação ao vivo diante dos atentos espectadores. O próprio Yves Klein (personagem multiatuante, que além de artista plástico era também

8 Restany, Pierre apud Lucie-Smith, Edward. *Movements in art since 1945. Issues and concepts*. London: Thames and Hudson, 1995, p. 123.

## BODY

The artist’s subjective perspective and experience are the starting points for her production, in which she deals with a range of subjects linked with human existence: identity, memory, fragility and disease. Shiota’s work evolves based on organic dynamics of making and creating. Here, within the same thematics, there is a wide range of different works, including films resulting from intimist performances, having the artist as the only protagonist in a personal report, or pieces of clothing – which in Shiota’s perspective are like a second human skin, bearing the traces and vestiges of experiences and memories obtained when wearing them by a present or in-existent body. This is the case of the sculpture *State of Being*, composed of an immense suspended dress supported by an absent body. Of that body, only its silhouette and traces of its clothing remain, underscoring the constructed memory of a previous existence.

Beginning with the initial moments of her artistic activity, while still a student, the artist took upon herself a leading role as a protagonist in her own work, using her own body as an element of artistic expression. In light of the recent history of art, this subjective and spontaneous act can be seen as a neorealist attitude. This was a movement begun in Europe in the early 1960s, founded by French art critic Pierre Restany, artist Yves Klein, and others. According to Restany: “the new realism registers the sociological reality without any controversial intention.”<sup>8</sup> This idea was consistent with the artistic movements of that time or justified them, as diverse performances and artistic activisms conceived for a live presentation before attentive spectators. Yves Klein himself (whose wide range of activities

8 Restany, Pierre apud Lucie-Smith, Edward. *Movements in art since 1945. Issues and concepts*. London: Thames and Hudson, 1995, p. 123.

músico de jazz, membro do movimento Rosacruz<sup>9</sup> e lutador de judô) expandia as fronteiras de sua atuação artística pela interdisciplinaridade de sua vivência pessoal e também dos parâmetros da arte em si. Ele defendia que “o essencial da pintura é aquele algo, aquela ‘cola etérea’, aquele produto intermediário que o artista emana com todo o seu ser criativo e que tem o poder de colocar, incrustar, impregnar na matéria pictórica da pintura”<sup>10</sup>. Assim surgiram suas cerimônias de pintura, ou *action paintings* – performances realizadas na abertura de exposições, como na apresentação de *Monotone Symphony*, realizada em 9 de março de 1960 na Galerie Internationale d’Art Contemporain, em Paris. Enquanto músicos sob sua direção entoavam acordes sustentados, *performers* mulheres deixavam marcas de seus corpos nus, embebidos na cor azul ultramarino, sobre amplas folhas de papel branco estendidas no piso. Para ele, a única cor existente era o azul, que patenteou como “Azul Internacional Klein”. Em sua série intitulada “Anthropométries”, ele encobria o corpo de modelos femininas com o azul e elas deixavam suas marcas como monótipias sobre o suporte artístico. Assim, elas se transformaram em seus pincéis vivos a executar sua ideia.

Entre 1952 e 1955, Klein havia vivido em Tóquio, aperfeiçoando sua técnica de judô. No Japão, o azul representa pureza e limpeza, e é vasta a utilização do azul índigo nas roupas usadas por todas as camadas da sociedade, a partir do século XVII. A breve carreira artística de Klein, de apenas sete anos, teve fim com sua morte precoce em 1962.

Para Chiharu Shiota, a cor vermelha é primordial. Em sua cultura japonesa, ela tem presença marcante, inclusive na bandeira nacional, em que o círculo

9 Sociedade secreta dos séculos XVII e XVIII, dedicada ao estudo das tradições metafísicas, místicas e alquímicas. Diz-se que um panfleto anônimo de 1614 sobre um mítico cavaleiro do século XV chamado Christian Rosenkreuz lançou o movimento.

10 Klein, Yves et al. *Exhibition Catalogue Jewish Museum*. New York, 1967, p. 18.

included visual artist, jazz musician, member of the Rosicrucian<sup>9</sup> movement and judo fighter) expanded the borders of his personal experience as well as the parameters of art itself. He espoused that “The essential of painting is that something, that ‘ethereal glue,’ that intermediary product which the artist secretes with all his creative being and which he has the power to place, to encrust, to impregnate into the pictorial stuff of the painting.”<sup>10</sup> This gave rise to his ceremonies of painting, or action paintings – performances held at the opening of exhibitions, as at the presentation of *Monotone Symphony*, held on March 9, 1960, at the Galerie Internationale d’Art Contemporain in Paris. While musicians under his direction intoned sustained cords, female performers left the marks of their nude bodies doused in ultramarine blue on large sheets of white paper spread out on the floor. For him, the only color that existed was blue, which he patented as “International Klein Blue.” In his *Anthropométries* series, he covered the body of female models in blue and they left their marks as monotypes on the artistic support. They were thus transformed into living brushes to execute his idea.

Between 1952 in 1955, Yves Klein had lived in Tokyo, perfecting his judo technique. In Japan, blue represents purity and cleanliness, and indigo blue has been widely used in clothes worn by all levels of society, from the 17th century onward. Klein’s brief artistic career, spanning just seven years, ended with his untimely death in 1962.

For Chiharu Shiota, the color red is primordial. In her Japanese culture, it has a striking presence, including in the national flag, on which the red circle represents the sun. Moreover, the combination of red and white is considered a sign of happiness. For Shiota, red is

9 A secret society of the 17th and 18th centuries, dedicated to the study of the metaphysical, mystic and alchemical traditions. It is said that an anonymous pamphlet from 1614 about the mythic knight named Christian Rosenkreuz gave rise to the movement.

10 Klein, Yves et al. *Exhibition Catalogue Jewish Museum*. New York, 1967, p. 18.

vermelho representa o Sol. Além disso, a combinação de vermelho e branco é tida como indício de felicidade. Para Shiota, o vermelho está interligado com a própria vida, com a corrente sanguínea, com o sangue do cordão umbilical a unir o ser com sua origem. Suas atuações performáticas são intimistas. Ao público é apresentado o seu registro em fotografias ou vídeos. Seu corpo e seu gesto interagem aquém do líquido vermelho, também com água e terra, elementos essenciais da vida – origem e destino. A água é fundamental para a vida e simboliza também a purificação do ser, enquanto a terra é o local de destino após a morte. Surgem assim obras como *Tornando-se pintura* (1994), *Tente e vá para casa* (1997), *No banheiro* (2002) e *Terra e sangue* (2013).

Os vestígios dessas atuações também são eternizados em obras como *Linha vermelha* – uma pintura monocromática, que resalta as mãos e seus movimentos como um reflexo do ato de criar manualmente, tão usual na produção artística de Chiharu, a nos revelar seus gestos pictóricos subjetivos. Para a artista, o sangue é relevante também por conter todas as informações essenciais da identidade de uma pessoa, denotando também os seus relacionamentos familiares.

Mais recentemente, ela iniciou uma série de objetos de vidro chamada “Célula”, que consiste em órgãos do corpo humano produzidos em vidro transparente, em tom vermelho e branco. Essa materialidade por ela escolhida remete à fragilidade do corpo humano e à sua predisposição a doenças, infecções e outros transtornos de saúde que usualmente não são visíveis, porém habitam e influenciam plenamente a existência humana. Aqui são representados órgãos internos do corpo, sãos ou dilacerados.

A camada mais externa do corpo também é por ela exaltada em sua série de trabalhos sobre tela intitulada “Pele”. O resultado é uma obra abstrata monocromática, composta por linhas individuais que ocupam a tela em

interlinked with life itself, with the bloodstream, with the blood of the umbilical cord that unites the being with its origin. Her performative actions are intimist. A record of them, in the form of photographs or videos, is shown to the public. Her body and her gesture interact beneath the red liquid, as well as with water and earth, essential elements of life – origin and destiny. Water is fundamental for life and also symbolizes the being’s purification, while earth is the place of destiny after death. These considerations gave rise to works such as *Becoming Painting* (1994), *Try and Go Home* (1997), *In the Bathroom* (2002) and *Earth and Blood* (2013).

The vestiges of these actions are also eternalized in works such as *Red Line* – a monochromatic painting which highlights the hands and their movements as a reflection of the act of manual creation, very recurrent in Shiota’s artistic production, revealing her subjective pictorial gestures. For the artist, blood is also relevant, because it contains all the essential information of a person’s identity, also revealing his or her familial relationships.

More recently, she began a series of glass objects called *Cell*, which consists of organs of the human body produced in transparent glass, in red and white tones. This material that she chose refers to the fragility of the human body and its predisposition to disease, infections and other health problems that are usually not visible, though they indwell and fully influence human existence. The series represents both healthy and lacerated organs of the human body.

The outermost layer of the body is also featured in a series of canvas works entitled *Skin*. The result is a monochromatic abstract artwork, composed of individual lines that occupy the canvas in an intense dynamics resulting from the tireless gesture of weaving, creating, conceiving, as in a conventional embroidery. Practically 20 years after her attempt to free herself from conventional painting through the performance



uma intensa dinâmica resultante do gesto incansável de tecer, criar, conceber, como em um bordado convencional. Praticamente 20 anos após sua tentativa de libertação da pintura convencional por meio da performance *Tornando-se pintura* (1994), na qual a tinta vermelha impregnou sua pele por meses, a artista voltou a utilizar a tela, porém não como um suporte pictórico convencional, mas como suporte de sua assinatura pessoal, sobre a qual aplica a trama de lã usada originalmente em suas instalações. Há aí uma inversão natural de fatores e materialidade por ela empregados no processo de evolução de sua linguagem artística. A materialidade da obra *Pele – lã sobre tela* – poderia num primeiro momento ser associada a um clichê e preconceito sofrido por muitas mulheres artistas em suas carreiras, como se elas não fossem aptas a uma atitude maior de criação, ficando à sombra da repercussão da atuação masculina em obras monumentais, árduas e complexas, atreladas ao estereótipo de sua masculinidade. Mas para Chiharu essa técnica traduz o oposto: ela se refere ao mesmo canal criativo e construtivo de suas instalações monumentais.

A odisseia percorrida por Chiharu Shiota até o reconhecimento pleno de sua produção artística foi também vivenciada por inúmeras outras precursoras exemplares. Hannah Höch<sup>11</sup> é uma delas. Em 1912, com 22 anos, Hannah abandonou o conforto familiar a contragosto de todos e seguiu para Berlim, para dar vazão ao seu ímpeto de produzir arte. Sua decisão era irreversível: “Prefiro me matar em Berlim do que passar um dia a mais em Gotha”<sup>12</sup>. Na Prússia, somente dois anos antes havia sido concedido a mulheres o acesso à universidade. A princípio, ela pretendia ingressar em uma escola de arte, mas foi aceita somente em um curso na escola privada Kunstgewerbeschule Charlottenburg, uma renomada escola de artes e ofícios. Sua formação iniciou-se com tecelagem e foi

*Becoming Painting* (1994), in which the red paint impregnated her skin for months, the artist went back to using the canvas; not as a conventional pictorial support, but rather as a support for her personal signature, on which she applies the weave of yarn used originally in her installations. Here, there is a natural inversion of factors and materialities that she employs in the process of developing her artistic language. The materiality of the work *Skin – yarn on canvas* – could at the first moment be connected to the cliché and preconception suffered by many women artists in their careers, as though they were not suited for a greater attitude of creation, remaining in the shadow of the repercussion of the production of male artists in monumental works involving great force and complexity, linked to the stereotype of their masculinity. But for Chiharu this technique expresses the opposite: it refers to the same creative and constructive channel as her monumental installations.

The odyssey tread by Chiharu Shiota until the full recognition of her artistic production has also been experienced by countless other precursors. Hannah Höch<sup>11</sup> is one of these women. In 1912, at the age of 22, Hannah defied the wishes of her family and left the comfort of her home to strike out for Berlin, to give vent to her urge to produce art. Her decision was irreversible: “I prefer to kill myself in Berlin than to spend one more day in Gotha.”<sup>12</sup> In Prussia, women had obtained access to university just two years previously. She initially planned to enroll in an art school, but was only accepted in a course in the private school Kunstgewerbeschule Charlottenburg, a renowned school of arts and crafts. Her training began with weaving and was interrupted by the school’s closing in 1914, due to the outbreak of World War I.

11 Anna Therese Johanne Höch (Gotha, Alemanha, 1889; Berlim Ocidental, Alemanha, 1978)

12 Schweitzer, Cara. *Schrankenlose Freiheit für Hannah Höch*. Biografia. Hamburgo: Osburg Verlag, 2014, p. 17.

11 Anna Therese Johanne Höch (Gotha, Germany, 1889; West Berlin, Germany, 1978).

12 Schweitzer, Cara. *Schrankenlose Freiheit für Hannah Höch*. Biography. Hamburg: Osburg Verlag, 2014, p. 17.

interrompida com o fechamento da escola em 1914, devido ao começo da I Guerra Mundial. A artista iniciou então um longo percurso nômade e de imposição de sua criação, à sombra de vários contemporâneos precursores do movimento dadaísta, como Raoul Hausmann. Por fim, em 1965, Hannah Höch foi nomeada para a Academia de Artes de Berlim Ocidental, tornando-se também membro da Associação Alemã de Artistas. Reconhecida hoje como a artista alemã mais importante do modernismo clássico, estabeleceu-se com uma pluralidade estilística, reforçando o gênero de sua expressão em obras também autobiográficas, como as de Chiharu Shiota, baseadas porém na técnica da colagem. Seu legado artístico é mantido na Berlinische Galerie Museum für Moderne Kunst, em Berlim.

Ironicamente, na recém-encerrada feira de arte Frieze London (6 a 9 de outubro de 2019), houve um grande destaque para obras de arte contemporânea realizadas na tradição têxtil isolada da característica de artesanato. Há várias razões para essa evolução e aceitação, entre outras o fato de que, em um mundo pós-globalização, o olhar volta-se para características singulares de produções de certas regiões não eurocentristas, como algo amparado em uma certa autenticidade histórico-cultural. Primeiramente foram os museus que deram visibilidade a esse contexto e o mercado de arte sempre acaba seguindo as diretrizes institucionais. Frieze London apresentou um segmento chamado "Seção Tecido". E conforme seu curador Cosmin Costinas: "A ideia inicial era responder à situação corrente no Reino Unido e como ela vem entrelaçada com sua herança colonial". E ele acrescentou: "[...] O uso de têxteis está no cerne da história da arte aqui e em todo o mundo, mas também tem sido marginalizado, pois era associado a mulheres e a práticas com raízes externas ao Ocidente"<sup>13</sup>. Concomitantemente,

The artist then began a long, forced detour in her creation, in the shadow of various contemporaneous forerunners of the dada movement, such as Raoul Hausmann. Finally, in 1965, Hannah Höch was nominated to the Arts Academy of West Berlin, also becoming a member of the German Association of Artists. Today recognized as the most important German artist of classical modernism, she became established with a stylistic plurality, reinforcing the gender of her expression in works which were also autobiographical, like those of Chiharu Shiota, but based on the technique of collage. Her artistic legacy is kept at the Berlinische Galerie Museum für Moderne Kunst, in Berlin.

Ironically, in the recently closed art fair Frieze London (from 6 to 9 of October, 2019), there was a great emphasis on contemporary artworks made in the textile tradition apart from its artisanal characteristic. There are various reasons for this development and acceptance, including the fact that in a post-globalized world the gaze has turned to singular characteristics of productions from certain non-Eurocentrist regions, as something based on a certain historical-cultural authenticity. It was initially the museums that gave visibility to this context and the art market always winds up following the institutional guidelines. Frieze London presented a section called *Woven*. And according to its curator Cosmin Costinas: "the initial idea was to respond to the current situation in the United Kingdom and how it is intertwined with its colonial heritage." He adds "[...] The use of textiles is at the core of art history here and all over the world, but it has also been marginalized, because it was associated with women and with practices with their roots outside of the West".<sup>13</sup> Concomitantly, the art event

13 Abrams, Amah-Rose. Frieze London shows the art world has cottoned on to weaving. Disponível em: <http://artdaily.com/news/117329/Frieze-London-shows-the-art-world-has-cottoned-on-to-weaving#.XZh1CS35yu4>. Acesso em: 11 de novembro, 2019.

13 Abrams, Amah-Rose. Frieze London shows the art world has cottoned on to weaving. Available at: <http://artdaily.com/news/117329/Frieze-London-shows-the-art-world-has-cottoned-on-to-weaving#.XZh1CS35yu4>. Retrieved on: November 11, 2019.

a feira de arte 1-54 Contemporary African Art Fair, que também ocorreu em Londres, tinha uma seção também dedicada à arte com o uso de material têxtil, intitulada "Thread".

## MEMÓRIA

Primordialmente, Chiharu faz uso de materiais e aborda ações triviais de seu cotidiano, como a linha e o ato de tecer, muitas vezes atribuídos ao universo feminino e que, no entanto, como pode ser constatado em seu percurso, são utilizados pela artista em instalações, de forma monumental e visceral. O emaranhado por ela idealizado representa um traçado preciso, resultado do ato de criação e execução manual. Essa ocupação espacial remete duplamente à tradição da tecelagem e da caligrafia oriental. Os gestos incansáveis e repetitivos abrem espaço a um amplo e complexo desenho expandido, cujo início, meio e fim permanecem incógnitos. As linhas são uma alusão a percursos, histórias, vivências autônomas, a nos guiar e conectar. Elas dão sustentabilidade a objetos remanescentes de seres ausentes, representados ora por vestimentas, mobiliário ou vestígios – suspensos, autônomos e interligados como que pelo cordão umbilical, a dar vazão à existência, à troca e ao resguardo da memória de uma vivência efêmera.

Chiharu Shiota é testemunha e protagonista de seu tempo. A passagem do século XX para o XXI está presente em seu trajeto pessoal e artístico: o pós-feminismo, o pós-eurocentrismo e a pós-globalização são premissas para o aprofundamento de um novo diálogo sociocultural proposto em sua obra. Os espectadores são convidados a explorar o potencial narrativo de uma obra arquitetada em uma rede aberta, sedutora e que estimula a criação de novos laços. As instalações em si são também transitórias, pois são destruídas ao final de cada exposição. Permanece a memória e o registro das obras espaciais. Em contradição, na atualidade, uma grande parte das experiências e vivências cotidianas acontecem

1-54 Contemporary African Art Fair, likewise held in London, had a section also dedicated to art using textiles, entitled *Thread*.

## MEMORY

Primordially, Chiharu resorts to materials and trivial actions from daily life, like thread or the act of sewing, often attributed to the feminine universe and which, however, as can be seen in her artistic path, are used by the artist in installations of a monumental and visceral quality. The tangle she conceives represents a precise set of lines, resulting from the work's act of creation and manual execution. This spatial occupation refers to both the tradition of weaving and to oriental calligraphy. The tireless and repetitive gestures open space for a large and complex expanded drawing, whose beginning, middle and end remain unknown. The lines are an allusion to paths, histories and autonomous experiences, guiding and connecting us. They lend sustainability to objects remaining from absent beings, sometimes represented by articles of clothing, furniture or vestiges – suspended, autonomous and interlinked as though by an umbilical cord, giving vent to existence, to exchange and to the safeguarding of the memory of an ephemeral experience.

Chiharu Shiota is both a witness and protagonist of her time. The passage from the 20th to the 21st century is present in her personal and artistic path: post-feminism, post-Eurocentrism and post-globalization are premises for the deepening of a new sociocultural dialogue proposed in her work. The spectators are invited to explore the narrative potential of an appealing work architected in an open and seductive network, stimulating the creation of new bonds. The installations themselves are also transitory, since they are destroyed at the end of each exhibition. Only the memory and the record of the spatial artworks remain. On the other hand, currently, a large part of our daily experiences take place in the virtual



no mundo virtual, onde os protagonistas se deparam com cenas e diálogos existentes meramente na tela de um de seus meios de comunicação digital – seja este o computador ou o celular. Há ainda um grau imensurável de manipulação diante da atuação da inteligência artificial e de algoritmos que guiam os usuários, os quais paulatinamente perdem a aptidão para a percepção e experimentação real, além da credibilidade pessoal.

A obra de Chiharu Shiota tem esta intenção: aproximar as pessoas dos contextos mais remotos possíveis por meio de um mero gesto, como ocorreu em 2015 com sua obra concebida para a Bienal de Veneza. A instalação *A Chave na mão* foi realizada para aquele contexto, quando Chiharu Shiota representou o Pavilhão Japonês. Os dois barcos usados compunham a parte central da instalação. No entanto, a artista não os selecionou porque os barcos servem como o principal meio de transporte em Veneza, mas sim por sua forma: eles lembram, segundo ela, duas mãos receptoras, prestes a agarrar ou deixar de lado uma mesma oportunidade. Eles se encontravam em um emaranhado de 180 mil chaves, que haviam sido coletadas em uma campanha internacional. Esse ato comoveu a artista, uma vez que as pessoas, normalmente, apenas dão suas próprias chaves àqueles em quem confiam. Para Shiota, as chaves estão associadas a memórias pessoais que nos acompanham em nossas vidas cotidianas. A lã vermelha usada para montar a trama simbolizava os vasos sanguíneos que ligavam a multidão de proprietários anteriores daquelas chaves. Em trabalhos fotográficos, esculturais e gráficos aqui expostos, Shiota demonstra uma variedade de maneiras de explorar essa ideia, uma vez que muitos temas são recorrentes em sua carreira.

Partindo desse princípio, Chiharu Shiota cria para a mostra no CCBB, com o uso de dois barcos flutuantes construídos por ela, a instalação *Dois barcos, uma direção*. Segundo Chiharu Shiota:

world, where the protagonists are dealing with scenes and dialogue that exist merely on the screen of one of their digital communication devices – whether a computer or a smart phone. There is also an immeasurable degree of manipulation resulting from artificial intelligence and algorithms that guide the users, who gradually lose their aptitude for real experience and perception, besides their personal credibility.

Chiharu Shiota's work has this aim: to bring people of very remote contexts closer through a mere gesture, as took place in 2015 with her work conceived for the Venice Biennale. The installation *The Key in the Hand* was made for that context, when Chiharu Shiota represented her country of origin in the Japanese pavilion. The central part of the installation is composed by two boats. However, the artist did not choose to use boats because they are the main means of transportation in Venice, but rather for their form: according to her, they resemble two receptive hands, ready to either seize or leave aside an opportunity. They were within a tangle of 180 thousand keys, which had been collected in an international campaign. This act moved the artist, since people normally do not give their keys to those they do not trust. For Shiota, the keys are associated to personal memories that accompany us in our daily lives. The red yarn used to create the web symbolized the blood vessels that link the keys' multitude of previous owners. In the photographic, sculptural and graphic works shown both in this exhibition and in this catalogue, Shiota demonstrates a variety of ways to explore this idea, since many themes are recurrent in her career.

Based on this principle, she used two floating boats of her own construction in the installation at the CCBB, *Two Boats, One Direction*. According to Chiharu Shiota:

"A forma arquitetônica do barco permite apenas o avanço dos passageiros, mas não sabemos qual é o destino. Esquecemos nossa finalidade autêntica na vida e seguimos um caminho traçado pela educação e pela origem cultural, que nos levará a uma clara linha de conforto. Mas a vida em si nem sempre é clara e cristalina; veio a se toldar com uma bruma escura. Agora temos dificuldade em definir o que antes era claro para nós, mas nossa condição humana nos obriga a olhar em frente, buscando um destino. Os barcos simbolizam os portadores de nossos sonhos e esperanças, levando-nos numa jornada de incerteza e espanto. As pessoas creem que a morte é nosso destino final, o fim da vida, mas eu creio que não há fim. O tempo é uma estrutura circular e, quando morremos, nossa consciência transcende e passa para outra dimensão. Quando alguém olha os navios negros, pode vê-los de vários pontos de vista, mas só é possível reconhecer a forma do barco de uma determinada perspectiva. Quando se muda de posição, o barco desaparece em outra dimensão. Ao flutuarem para o alto, os dois barcos têm um curso comum, mas seu destino é desconhecido".<sup>14</sup>

## UNIVERSO

Nesta mostra, é apresentado um grupo de obras sobre papel ou objetos que exibem ou lidam com a ideia de Shiota de uma conexão universal de todos os seres. Ela tem o dom de converter a experiência pessoal em uma linguagem artística pura e intensa, focada em poucos elementos triviais. Ao lidar com temas como a morte, considerada um tabu na maioria das sociedades, porém sem deslocar o seu foco da essência da existência humana, ela expõe essa crua realidade em uma linguagem poética não apenas acessível, mas também aceitável.

14 Relato da artista no processo preparatório desta mostra, em 16 ago. 2019.

"The architectural shape of the boat lets the passengers only move forward, but we do not know what the destination is. We have forgotten our true purpose of life and follow a path marked by education and cultural background that will lead us to a clear line of comfort. But life itself is not always so crystal clear; it has become blurred by a black mist. Now, we struggle to define what was once clear to us, but our human condition forces us to look forward searching for a destiny. The boats symbolize the bearers of our dreams and hopes, carrying us through a journey of uncertainty and wonder. People believe that death is our ultimate destination and the end of life, but I believe there is no end. Time is circular construct, and when we die, our consciousness transcends into another dimension. When the visitors looks at the black ships, they can perceive them from different points of view, but the shape of the boat is only recognizable from a certain perspective. As soon as the visitor changes his/her position, the boat vanishes into another dimension. While the two boats are floating upwards, they have a common course; however, their fate is unknown."<sup>14</sup>

## UNIVERSE

This show includes the presentation of a group of works on paper or objects that display or deal with Shiota's idea of a universal connection between all beings. She has a knack for converting her personal experience into a pure and intense artistic language, focused on a few trivial elements. Dealing with themes such as death, considered a taboo in most societies, but without shifting her focus from the essence of human existence, she exposes this cruel reality in a poetic language that is not only accessible, but also acceptable.

14 Report by the artist on August 16, 2019, during the process for preparing the show.

Em algumas gravuras aqui expostas, o ponto de partida é o de um ser conectado ao Universo por um fio, que pode simbolizar o cordão umbilical ou até o início da vida antes mesmo do nascimento. Em outras obras, esse ser se vê imerso em um buraco, sem perspectiva de saída. A conexão com o mundo externo ocorre por meio de vias imaginárias ou espirituais. O Cosmo seria o local de acolhimento ou o local geográfico almejado para o encontro com a plenitude, sem estigmas ou preceitos estabelecidos de antemão. Seria talvez o Cosmo o responsável por conduzir o incerto destino?

A mostra concomitante *Linha interna*, realizada na Japan House de São Paulo, revela-nos em seu conteúdo diretrizes do plano subjetivo da artista e/ou de sua remota relação com o Brasil. Seu pai cogitou, na juventude, emigrar para o país – o que nunca fez. Sempre que tem a oportunidade de percorrer São Paulo, seja como ocorreu por ocasião de sua primeira mostra no Brasil, no Sesc Pinheiros, em 2015, ou agora em 2019, com ambas as mostras, no Centro Cultural Banco do Brasil e na Japan House, Chiharu Shiota nota e se sensibiliza com a grande presença de asiáticos inseridos na sociedade local. Este poderia ter sido o seu lugar, o seu alinhamento sociocultural!

Há na arte contemporânea brasileira expoentes cuja produção artística também é atrelada à ideia e prática do tecer criando teias arquitetônicas. Lygia Pape<sup>15</sup>, precursora do movimento neoconcreto brasileiro, desenvolveu por exemplo, a partir da década de 1970 e até os anos 2000, uma série de instalações intituladas “Teias”. Nelas a artista expandia e concretizava sua pesquisa geométrica com o uso de fios de cobre e nylon, acompanhados de experimentações com efeitos de luz natural e artificial, que seriam vivenciadas pelo público nessas obras efêmeras. Ou há ainda Edith Derdyk<sup>16</sup>, que desde a década de 1980 explora o potencial do traço, partindo do desenho para a

In some prints shown here, the starting point is that of a being connected to the universe by a thread, which can symbolize the umbilical cord or even the beginning of life before birth. In other artworks, this being is seen immersed in a hole, without any perspective for escape. The connection with the outer world takes place through imaginary or spiritual roots. The Cosmos would be the place of shelter or the geographical place desired for the encounter with fullness, without stigmas or preestablished precepts. Is the Cosmos perhaps responsible for conducting the uncertain destiny?

At the concomitant show *Internal Line*, held at Japan House São Paulo, we see guidelines of the artist's subjective plane and/or her remote relation with Brazil. In his youth, Shiota's father thought about immigrating to Brazil, but never did. Whenever she has had the opportunity to explore the city of São Paulo – as she did on the occasion of her first show in Brazil, at Sesc Pinheiros, in 2015, or now in 2019, with both shows, at the Centro Cultural Banco do Brasil and at Japan House – Chiharu Shiota has been struck by the great number of people from an Asian background who play an active part in the local society. This could have been her place, her sociocultural alignment!

The history of contemporary Brazilian art includes key figures whose artistic production is also linked to the idea and practice of weaving to create architectural webs. For example, in the 1970s and up to the 2000s, Lygia Pape,<sup>15</sup> a forerunner of the Brazilian neoconcrete movement, developed a series of installations entitled *Teias*. In them, the artist expanded and concretized her geometric research with the use of copper wires and nylon lines, accompanied by experiments with the effects of natural and artificial lighting, experienced by the public in these ephemeral works. There is also Edith Derdyk,<sup>16</sup> who since the 1980s has explored the potential of the line, starting with a drawing to

15 Lygia Pape (Nova Friburgo, Brasil, 1927; Rio de Janeiro, Brasil, 2004)

16 Edith Derdyk (São Paulo, Brasil, 1955)

15 Lygia Pape (Nova Friburgo, Brazil, 1927; Rio de Janeiro, Brazil, 2004).

16 Edith Derdyk (São Paulo, Brazil, 1955).



concretização espacial. Em uma visita com Chiharu Shiota ao ateliê de Edith Derdyk em São Paulo, em 11 de setembro de 2015, pude vivenciar a empatia compartilhada pelas artistas de contextos tão distintos, aproximados pelo vasto percurso artístico que as une.

O Universo conduziu Chiharu Shiota, como todos os seres, por caminhos traçados pela simultaneidade de tempos sociais, biológicos e biográficos distintos – simultaneidade que permitiu traçar uma contemporaneidade existencial para aqui chegar. Ela atua com uma sensatez aguçada, a caminho desse Universo, e nos apresenta provas de sua lucidez, a exemplo do grupo de esculturas intituladas *Estado de ser*, produzidas neste ano, que lidam com a ideia de Shiota de que a conexão de todos os seres acontece de uma maneira mais abstrata. A abstração geométrica presente alude ao suprematismo e à simplificação da forma, sem encapsulá-la em uma narrativa pré-estabelecida. Formas pontiagudas triangulares sugerem uma pedra cuidadosamente lapidada – algo precioso, sem valor monetário ou identidade explícita, a ser apreciado em sua pureza, de uma complexidade e integridade elaboradas e construídas por sua trama. Não podemos esquecer que a palavra “tecer”, na língua portuguesa, vem do latim “*tessere*”, que é, ao mesmo tempo, trama e urdidura. Nessa perspectiva, tecer é narrar, contar uma história e, ao mesmo tempo, construir, criar, organizar, tentar ordenar os diversos fios dessa trama existencial.

A supremacia da essência é a meta de Chiharu Shiota: “Sempre tendo a crer que seria bom poder eliminar todos os traços de mim mesma – minha aparência, meus papéis, meu passaporte e até mesmo minhas impressões digitais – e apenas criar minhas obras em diálogo com o Cosmo”<sup>17</sup>.

then reach a spatial realization. During a visit with Chiharu Shiota to the studio of Edith Derdyk in São Paulo on September 11, 2015, I witnessed the empathy shared by these two artists of such different contexts, who nonetheless share common concerns in light of the vast artistic path that unites them.

The universe has led Chiharu Shiota, like all the beings, along paths traced out by the simultaneity of different social, biological and biographical times – a simultaneity that allowed her to trace an existential contemporaneity to arrive here. She acts with keen sensitivity along the path of this universe, and shows us proofs of her lucidity, as in the group of sculptures entitled *State of Being*, produced this year, which deals with Shiota’s idea that all beings are connected in an abstract way. The geometric abstraction present in her work alludes to suprematism and to the simplification of the form, without encapsulating it in a preestablished narrative. Pointy triangular shapes suggest a carefully cut stone – something precious, without monetary value or an explicit identity, to be appreciated in its pureness, with an elaborate integrity and complexity constructed by its webbing. We must bear in mind that the Portuguese verb *tecer* [to weave], comes from the Latin *tessere*, which means, at the same time, a narrative plot and a weaving. In this light, *tecer* is to narrate, to tell a story and, at the same time, to construct, to create, to organize, to attempt to put into order the various threads of this existential web.

The supremacy of the essence is Chiharu Shiota’s goal: “I always tend to believe that it would be nice to be able to banish every trace of myself – my looks, my papers, my passport, and even my fingerprints – and only create my works in dialogue with the cosmos.”<sup>17</sup>

17 Depoimento de Chiharu Shiota. Mami Kataoka. *Chiharu Shiota*. Ostfildern: Hatje Cantz, 2011, p. 65.

17 Statement by Chiharu Shiota. Mami Kataoka. *Chiharu Shiota*. Ostfildern: Hatje Cantz, 2011, p. 65.



MEMÓRIA  
MEMORY

Chave na mão  
[The Key in the Hand]  
2016  
c-print  
37 x 50 cm



**Em silêncio**  
**[In Silence]**

2017

fotogravura em papel  
[photogravure on paper]  
Zerkall Alt Bern 340 gsm |  
Edição [Edition] Markus Gell,  
Vorarlberg, Austria  
54 x 69 cm

**Em silêncio**  
**[In Silence]**

2008

c-print  
Kunsthau Pasquart,  
Biel / Bienne, Suíça  
60 x 80 cm  
cada peça [each one]







**Estado de Ser (vestido)**

[State of Being (Dress)]

**2018**

armação de metal, vestido, fio  
[metal frame, dress and thread]

120 x 80 x 45 cm



**Na mão**  
**[In the Hand]**  
2018  
bronze e latão  
[bronze and brass]  
52 x 30 x 30 cm





**Na mão**  
[In the Hand]  
2019  
bronze e latão  
[bronze and brass]  
29 x 38 x 30 cm



**Na mão**  
[In the Hand]  
2019  
bronze, tecido, algodão  
[bronze, cloth, cotton]  
14 x 50 x 26 cm

**Na mão**  
[In the Hand]  
2018  
bronze e cera  
[bronze and wax]  
8 x 32 x 18 cm



**Estado de Ser (vestido)**

[State of Being (Dress)]

2019

armação de metal e fio  
[metal frame and thread]

260 x 180 x 85 cm





**No canto**  
**[In the Corner]**  
2017  
pastel oleoso  
e fio sobre papel  
[oil pastel and thread  
on paper]  
42 x 55 cm

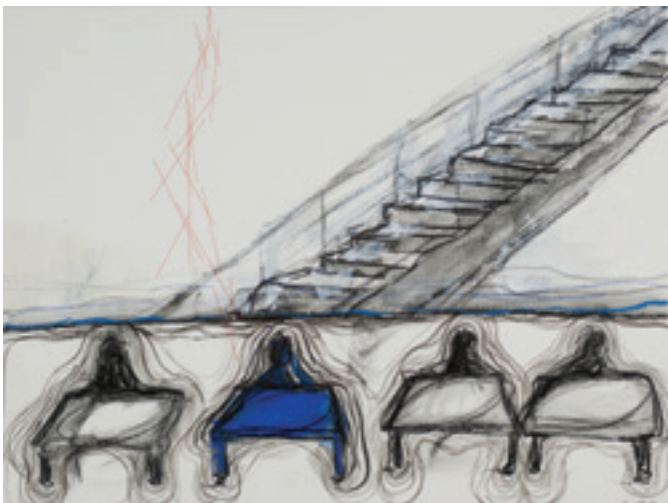
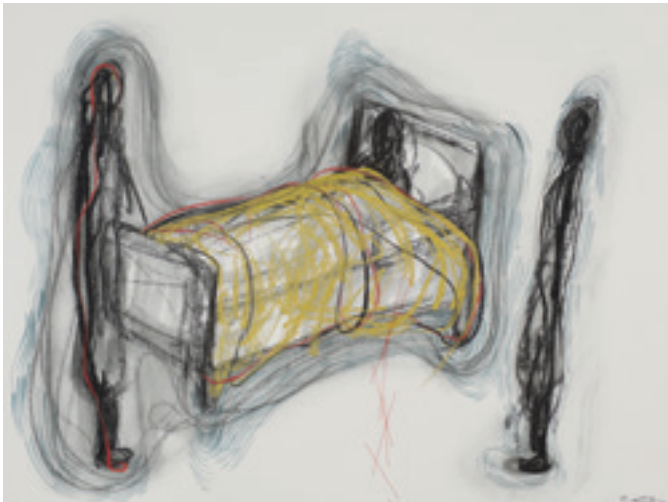
**Puxando**  
**[Pulling]**  
2017  
pastel oleoso  
e fio sobre papel  
[oil pastel and  
thread on paper]  
42 x 55 cm



**Revivendo**  
**[Reviving]**  
2017  
pastel oleoso  
e fio sobre papel  
[oil pastel and  
thread on paper]  
42 x 55 cm



**Confiando**  
**[Trusting]**  
2017  
pastel oleoso e  
fio sobre papel  
[oil pastel and  
thread on paper]  
42 x 55 cm



**Recuperando-se**  
**[Recovering]**

2017

pastel oleoso e fio sobre  
papel [oil pastel and  
thread on paper]  
42 x 55 cm

**Casaco amarelo**  
**[Yellow Coat]**

2017

pastel oleoso  
e fio sobre papel  
[oil pastel and  
thread on paper]  
42 x 55 cm

**Lado a lado**  
**[Next to each other]**

2017

pastel oleoso e fio  
sobre papel  
[oil pastel and  
thread on paper]  
42 x 55 cm





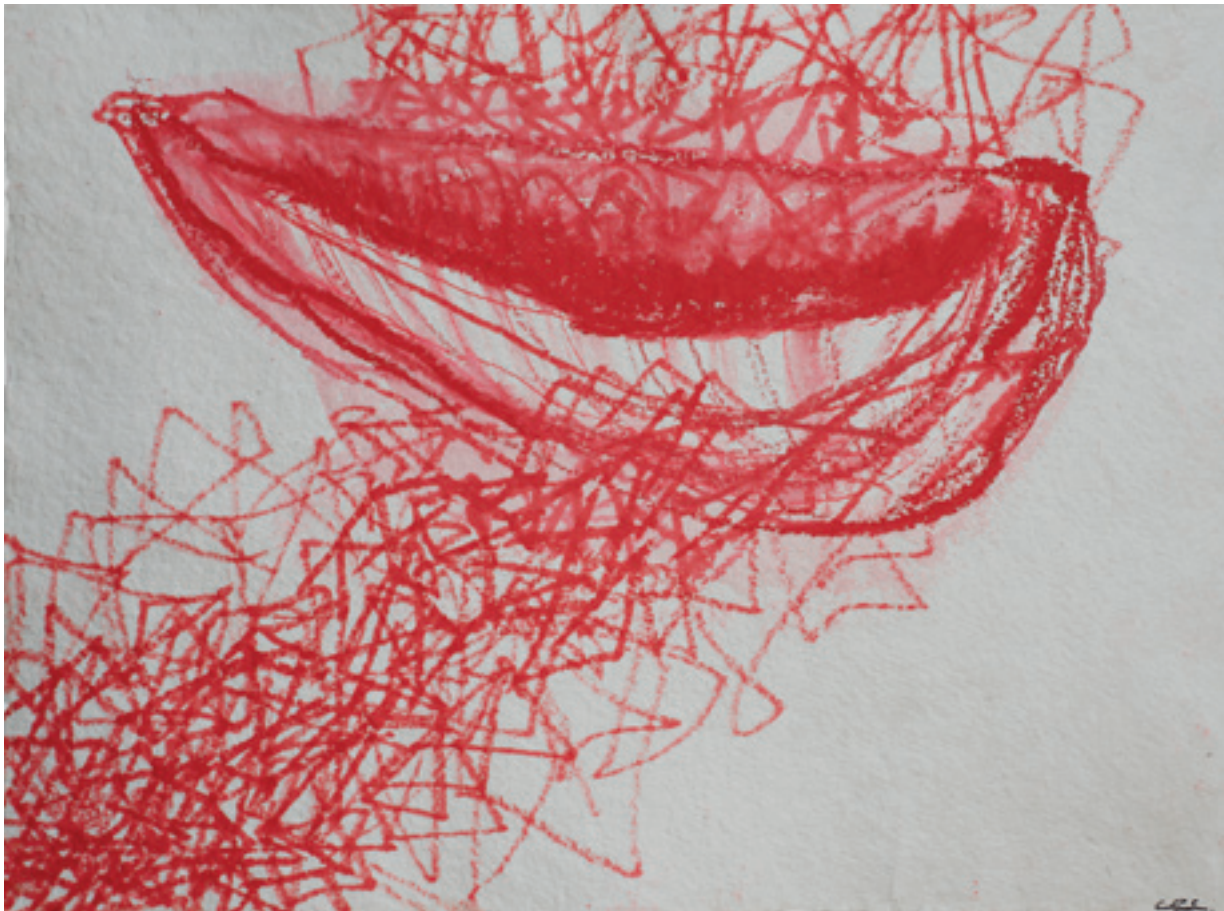
**Sozinha**

[Alone]

2017

pastel oleoso e fio  
sobre papel [oil  
pastel and thread  
on paper]

42 x 55 cm



**Passagem**  
[Passage]

2018

pastel oleoso sobre papel  
[oil pastel on paper]  
28 x 37,5 cm

**Passagem**  
[Passage]

2018

pastel oleoso sobre papel  
[oil pastel on paper]  
28 x 38 cm

**Linha ondulada**  
[Wavy Line]

2019

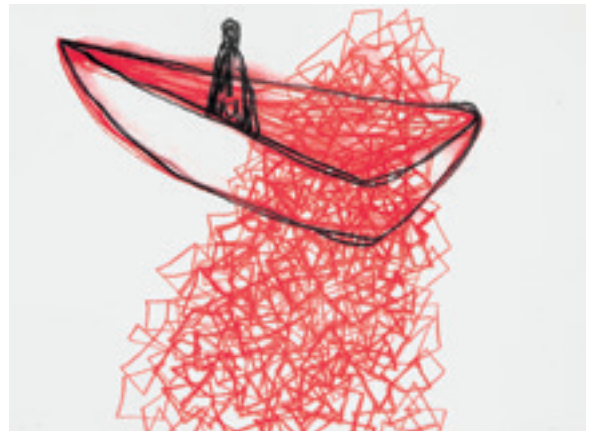
litografia em papel [lithography  
on paper] Zerkall Alt Meissen  
250 gsm | Edição [Edition]  
Markus Gell, Voralberg, Áustria  
30 x 40 cm

**No barco**  
[On the Boat]

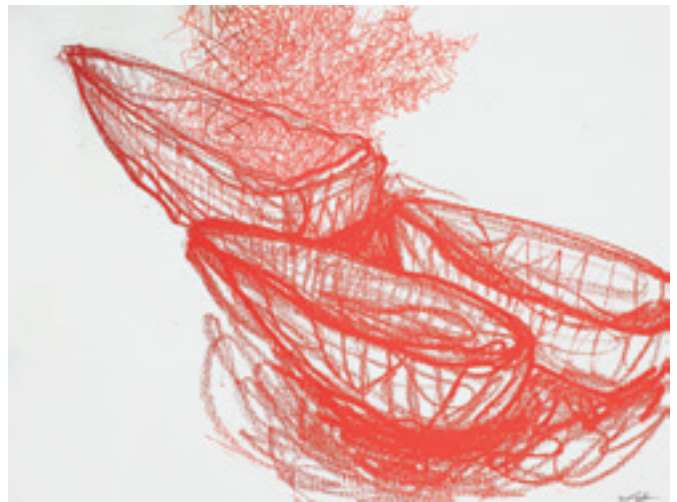
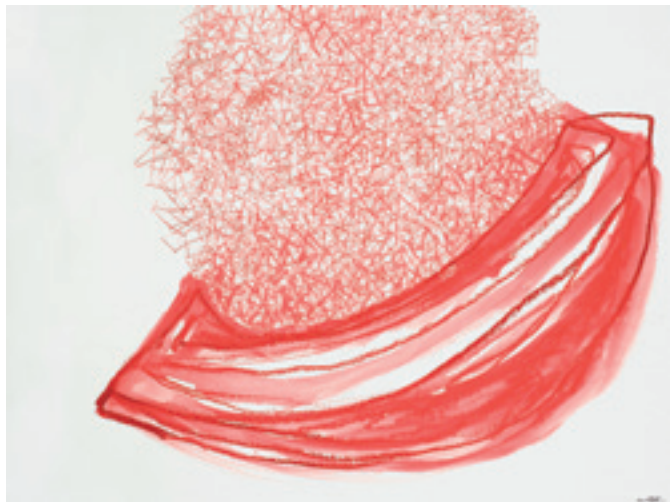
2019

litografia em papel  
[lithography on paper] Zerkall  
Alt Meissen 250 gsm |  
Edição [Edition] Markus Gell,  
Voralberg, Áustria  
30 x 40 cm









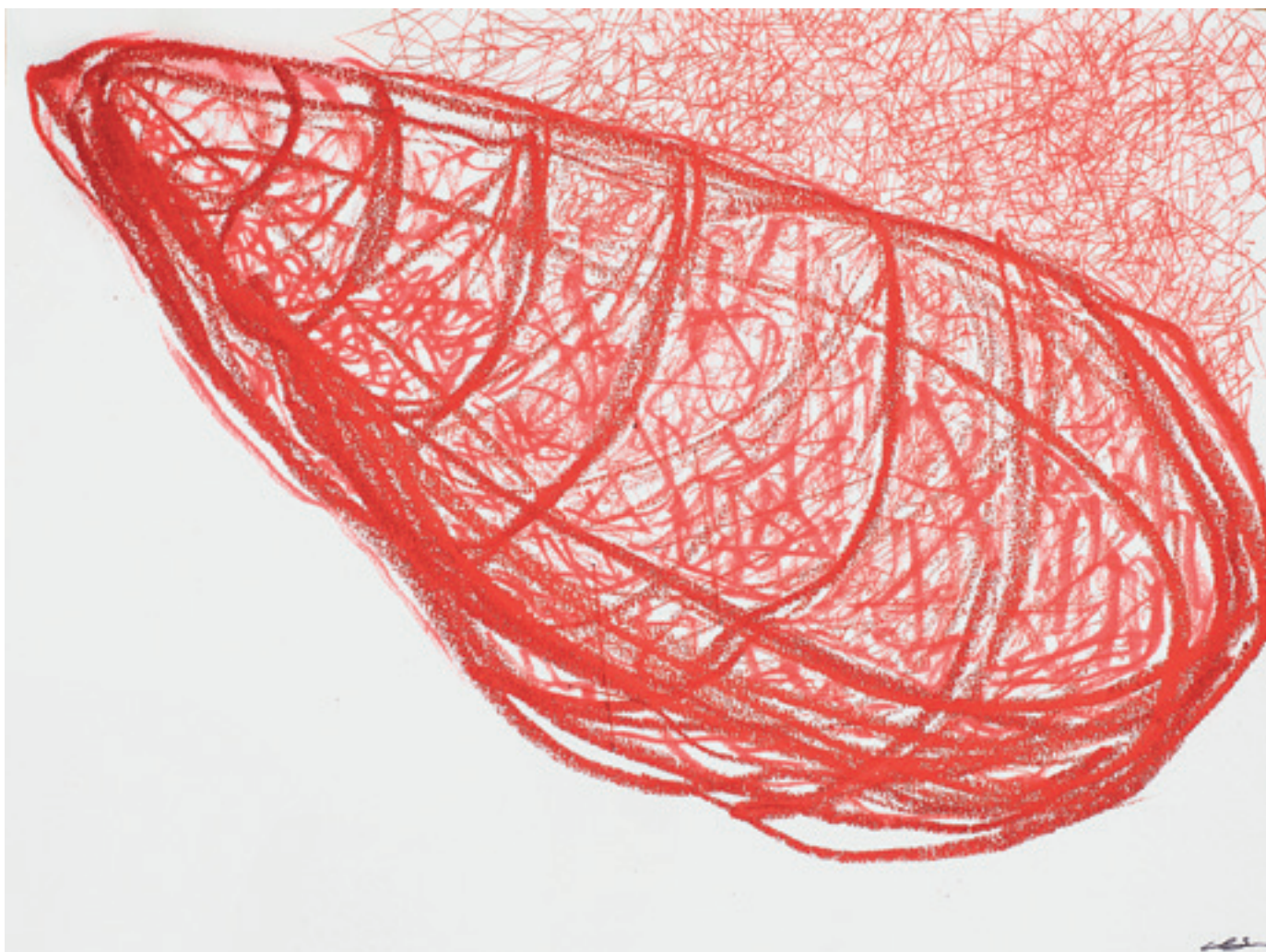
**Passagem**

[Passage]

2018

pastel oleoso sobre papel  
[oil pastel on paper]

30 x 40 cm  
cada peça [each one]



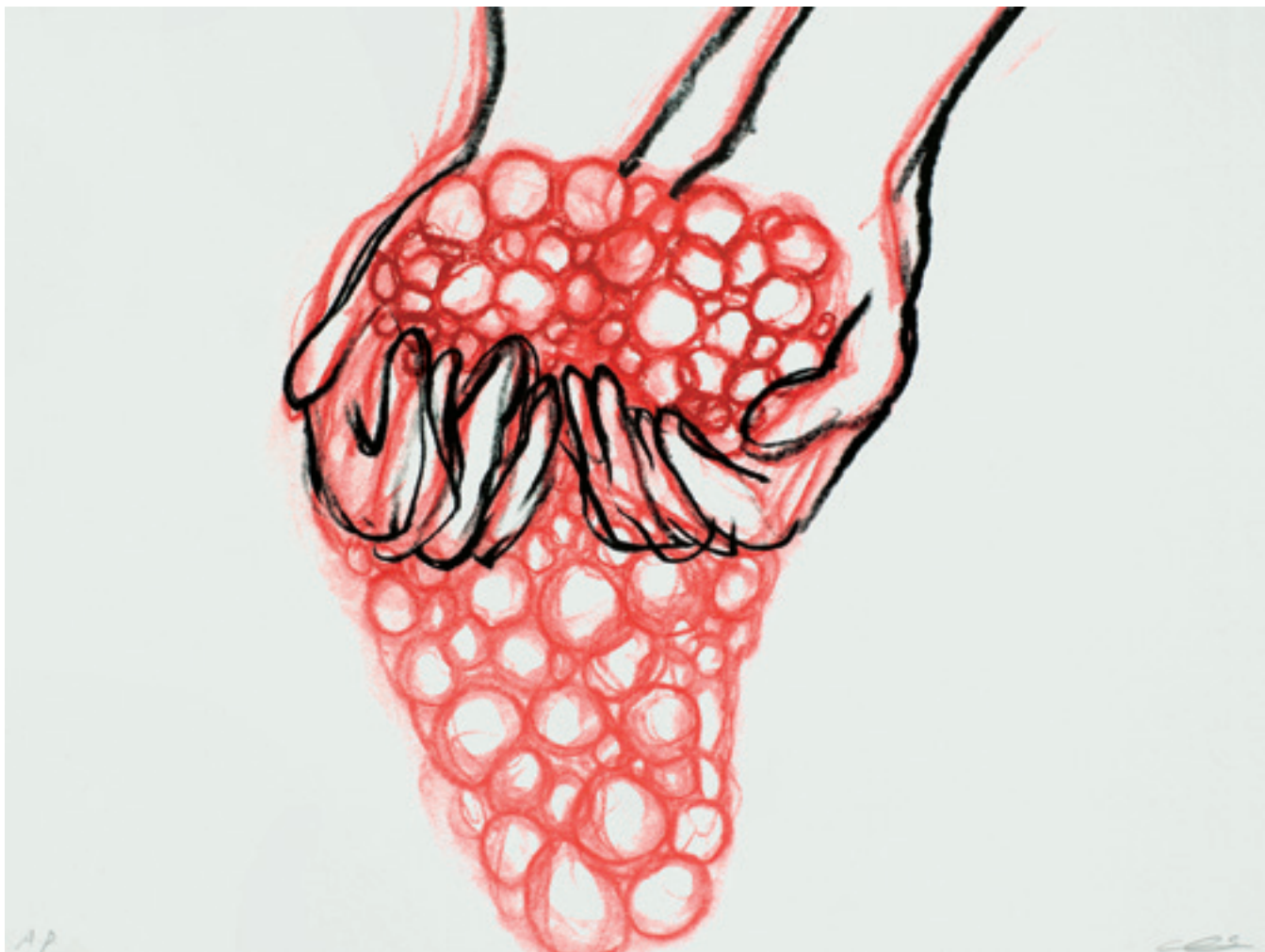
**Passagem**

[Passage]

2018

pastel oleoso sobre papel  
[oil pastel on paper]

30 x 40 cm



**Nas duas mãos**

[In Both Hands]

2019

litografia em papel

[lithography on paper]

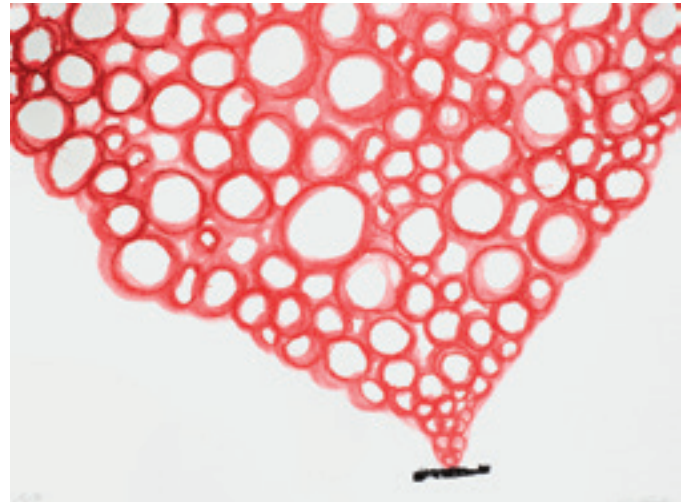
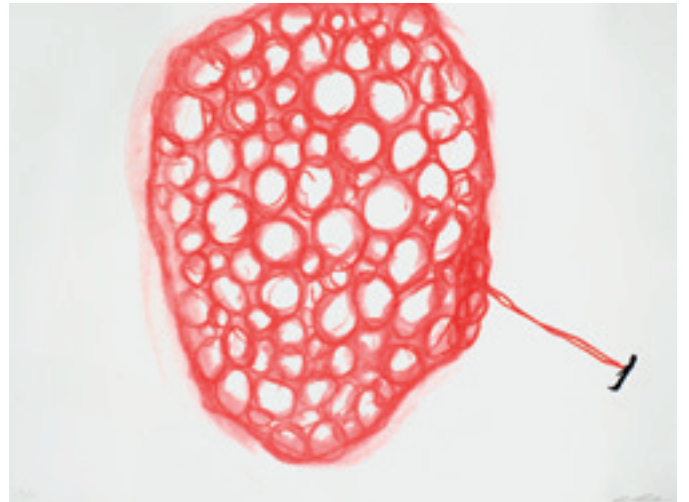
Zerkall Alt Meissen 250 gsm |

Edição [edition] Markus Gell,

Voralberg, Austria

30 x 40 cm





**Célula**

[Cell]

2019

litografia em papel  
[lithography on paper]  
Zerkall Alt Meissen 250 gsm |  
Edição [edition] Markus Gell,  
Voralberg, Áustria

30 x 40 cm  
cada peça [each one]

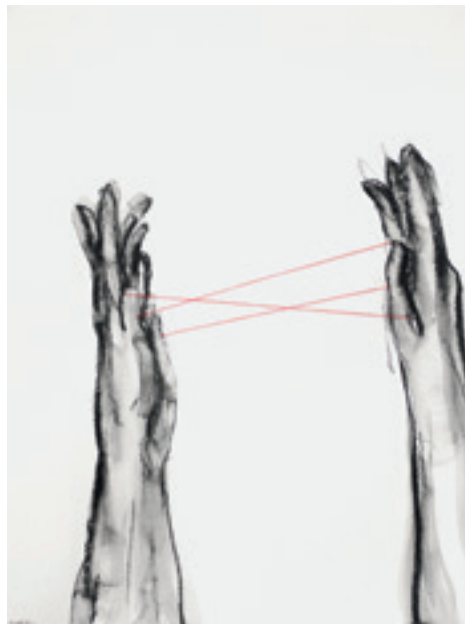
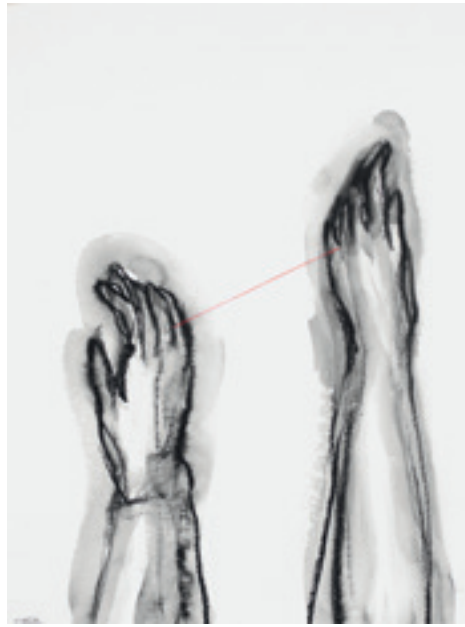


**Linha da mão**

**[Handline]**

2019

pastel oleoso, aquarela  
e fio sobre papel  
[oil pastel, watercolour  
and thread on paper]



**Linha da mão**

[Handline]

2019

pastel oleoso, aquarela  
e fio sobre papel  
[oil pastel, watercolour  
and thread on paper]

40 x 30 cm  
cada peça [each one]



**Linha vermelha**

[Red Line]

2018

acrílica sobre papel  
[acrylic on paper]

146 x 225 cm







**Linha vermelha**

[Red Line]

2018

acrílica sobre papel  
[acrylic on paper]

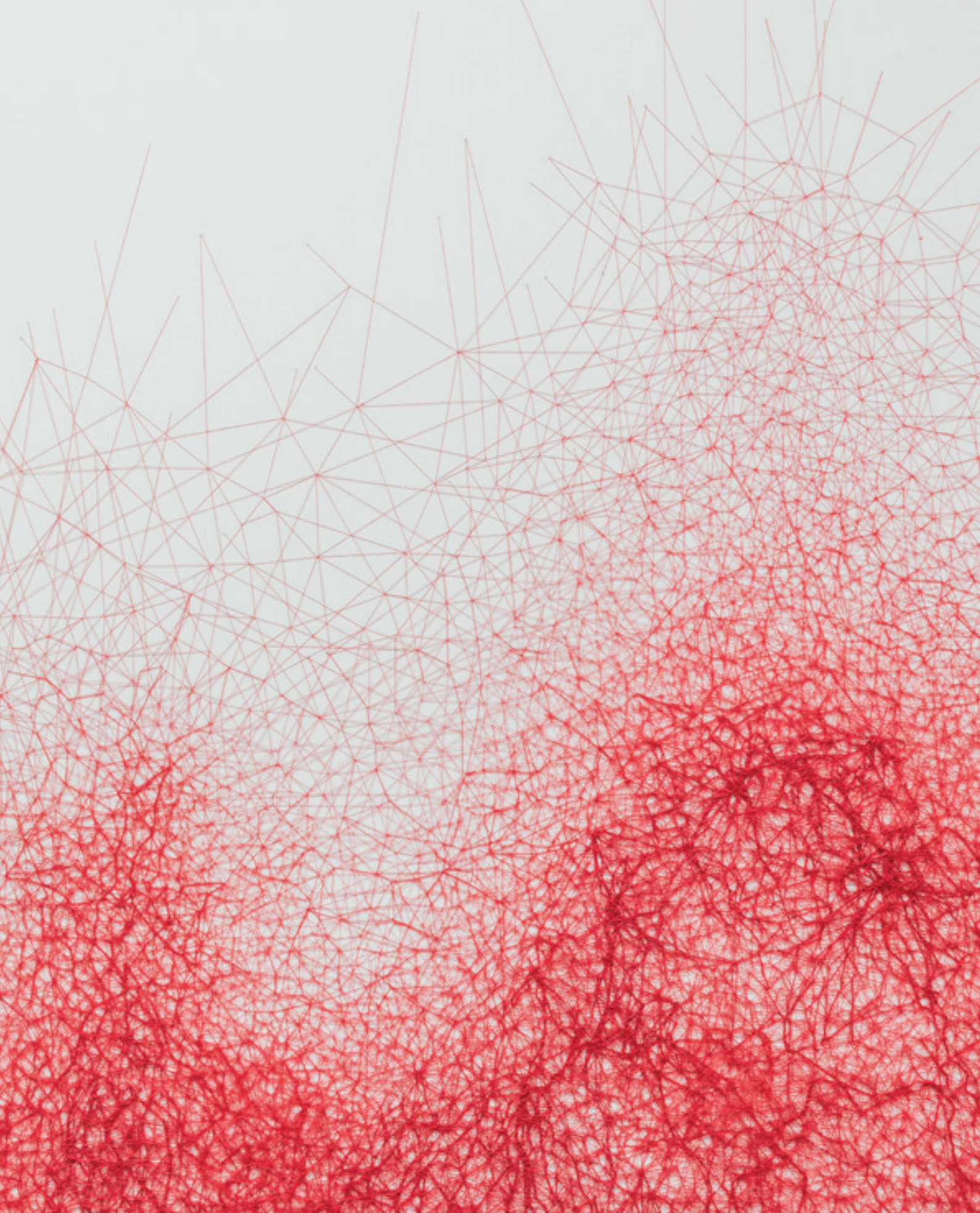
146 x 225 cm





**Linha vermelha**  
[Red Line]  
2018  
acrílica sobre papel  
[acrylic on paper]  
146 x 225 cm









**Pele**  
**[Skin]**  
2018  
fios de lã sobre tela  
[thread on canvas]  
180 x 120 cm





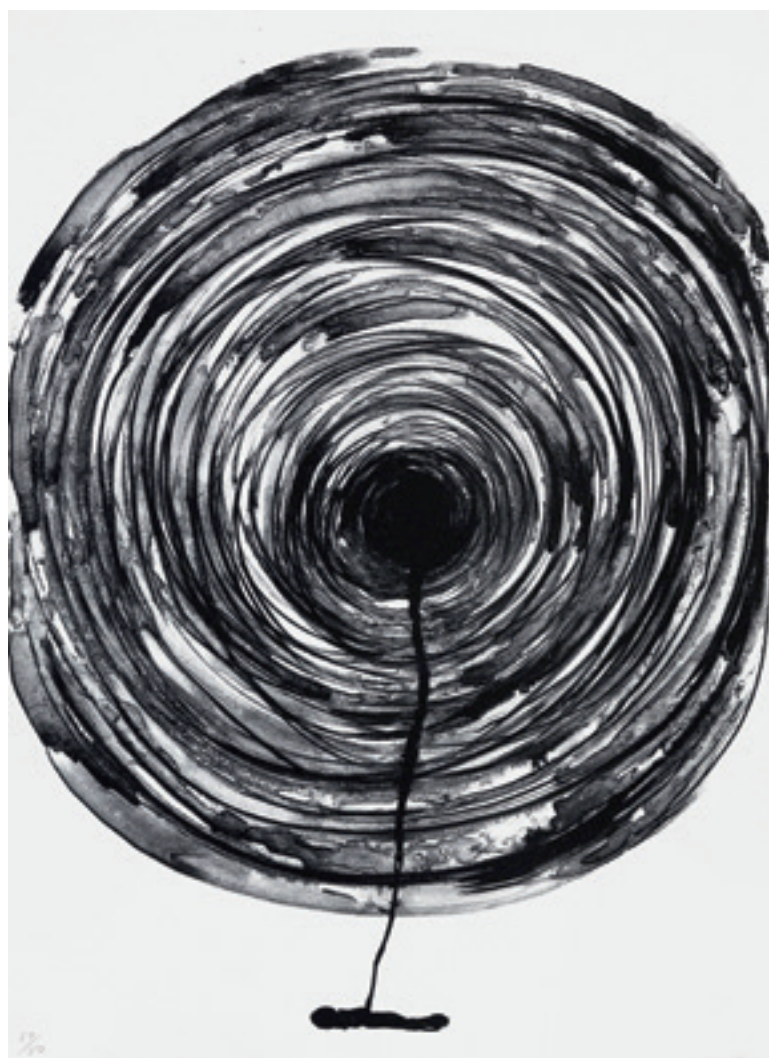
UNIVERSO  
UNIVERSE

**Sem título**

[Untitled]

2016

litografia sobre papel  
[lithography on paper]  
Velin d'Arches 300 gsm |  
Edition Copenhagen  
Copenhaguem, Dinamarca  
[Copenjagen, Denmark]



Sem título

[Untitled]

2016

litografia sobre papel

[lithography on paper]

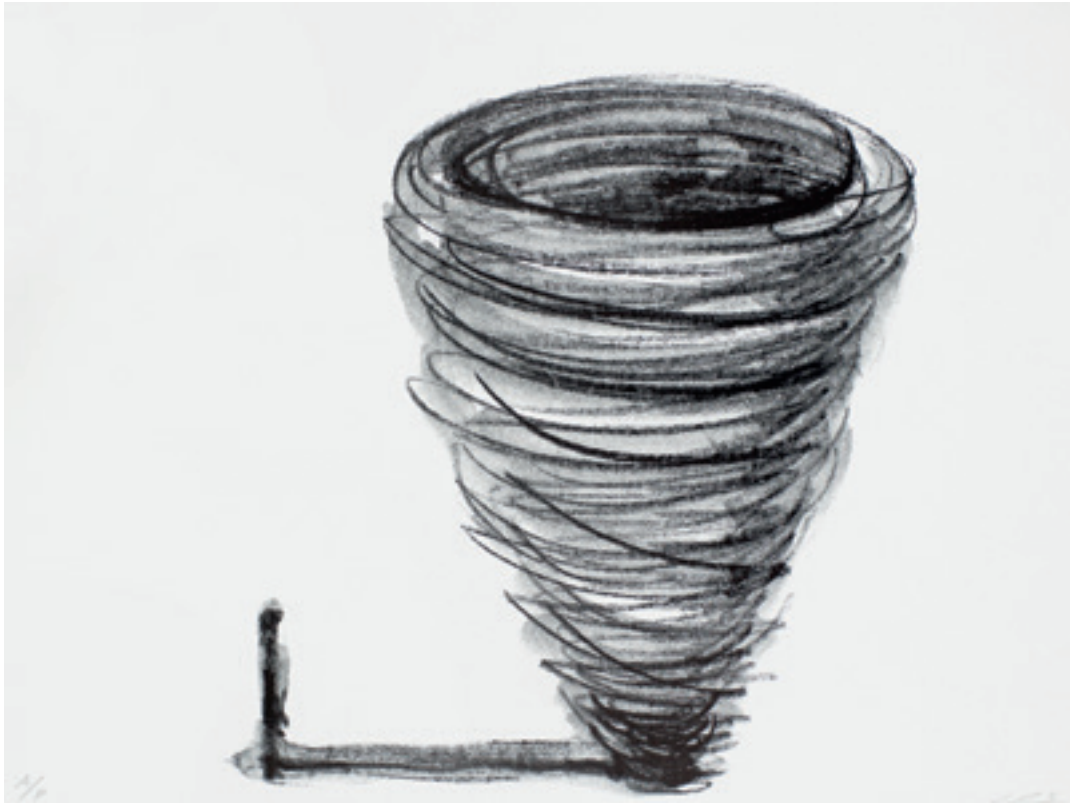
Velin d'Arches 300 gsm |

Edition Copenhagen

Copenhaguem, Dinamarca

[Copenjagen, Denmark]

69 x 50 cm



**Encontro**

[Encounter]

2019

litografia em papel  
[lithography on paper] Zerkall  
Alt Meissen 250 gsm |  
Edição [edition] Markus Gell,  
Voralberg, Austria





**Retendo a lembrança**

**[Holding Memory]**

2017

litografia em papel branco  
[lithograph on white paper]  
270 gsm BFK Rives |  
Keystone Editions, Berlim,  
Alemanha  
[Berlin, Germany]

84.5 x 63 cm



**Sem título**

**[Untitled]**

2016

litografia sobre papel  
[lithography on paper]  
Velin d'Arches 300 gsm |  
Edition Copenhagen  
Copenhaguem, Dinamarca  
[Copenhagen, Denmark]

69 x 50 cm



**Sem título**

**[Untitled]**

2016

litografia sobre papel  
[lithography on paper]  
Velin d'Arches 300 gsm |  
Edição [Edition]  
Copenhague, Dinamarca  
[Copenhagen, Denmark]

100 x 67,5 cm



**Relacionalidade**

**[Relationality]**

2018

litografia sobre papel  
[lithography on paper]  
Somerset Tub Size 410 gsm |  
Edição [Edition]  
Curwen Studio, Londres,  
Reino Unido [London, UK]

76 x 65 cm



**Siga a linha**

**[Follow the Line]**

2017

litografia em duas cores  
em papel branco  
[bicolour lithograph on  
white paper] 270 gsm BFK  
Rives | Keystone Editions,  
Berlim, Alemanha  
[Berlin, Germany]

80,5 x 60 cm



**Casa interior**

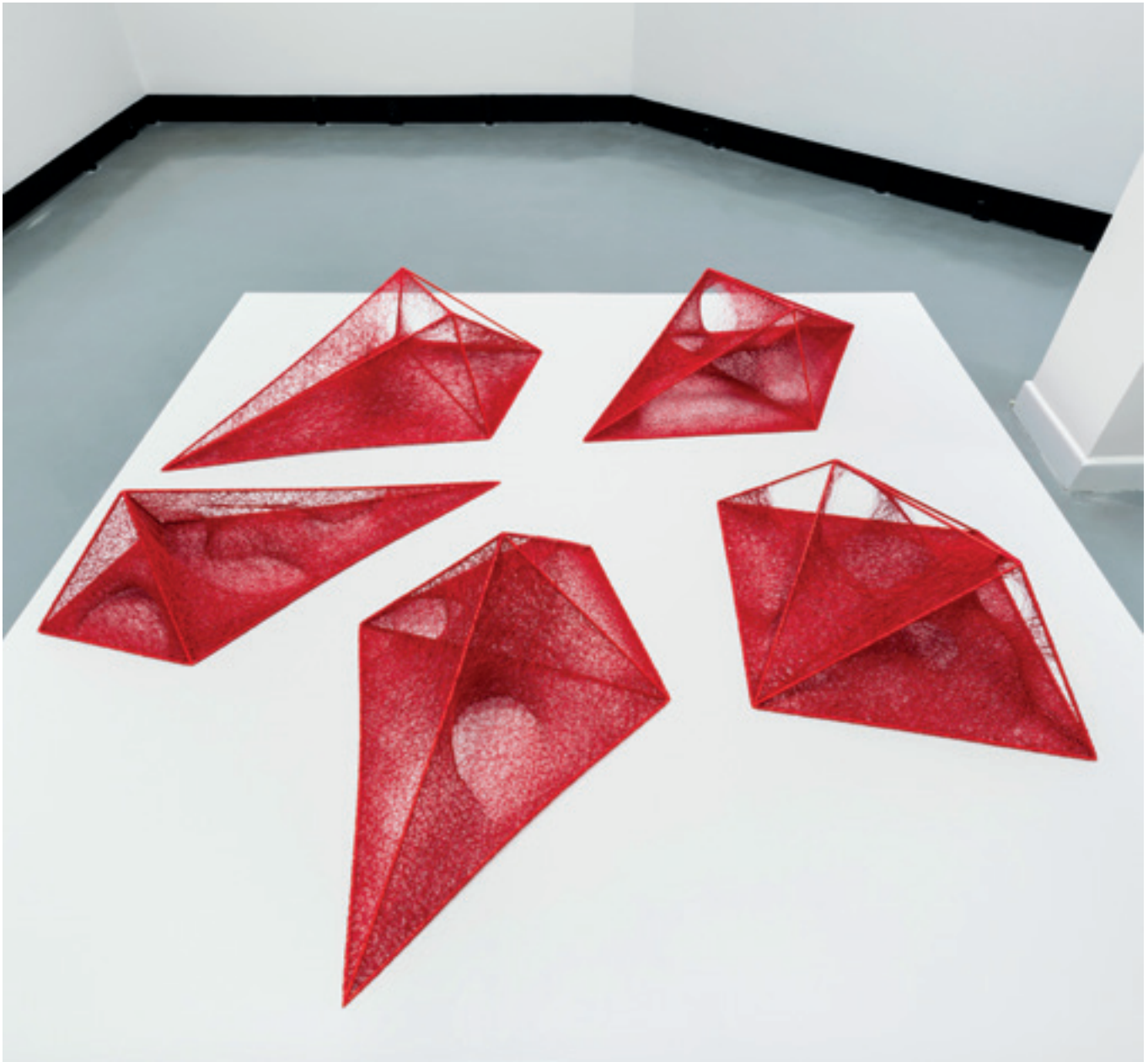
**[Inner House]**

2019

litografia em papel  
[lithography on paper]  
Zerkall Alt Meissen 250 gsm |  
Edição [Edition] Markus Gell,  
Voralberg, Austria

30 x 40 cm





**Estado de Ser**  
**[State of Being]**

2019

armação de metal e fio  
[metal frame and thread]

82 x 44 x 69 cm  
133 x 61,5 x 35 cm  
100 x 120 x 38 cm  
140 x 83 x 36 cm  
138 x 86 x 38 cm



**Estado de Ser**

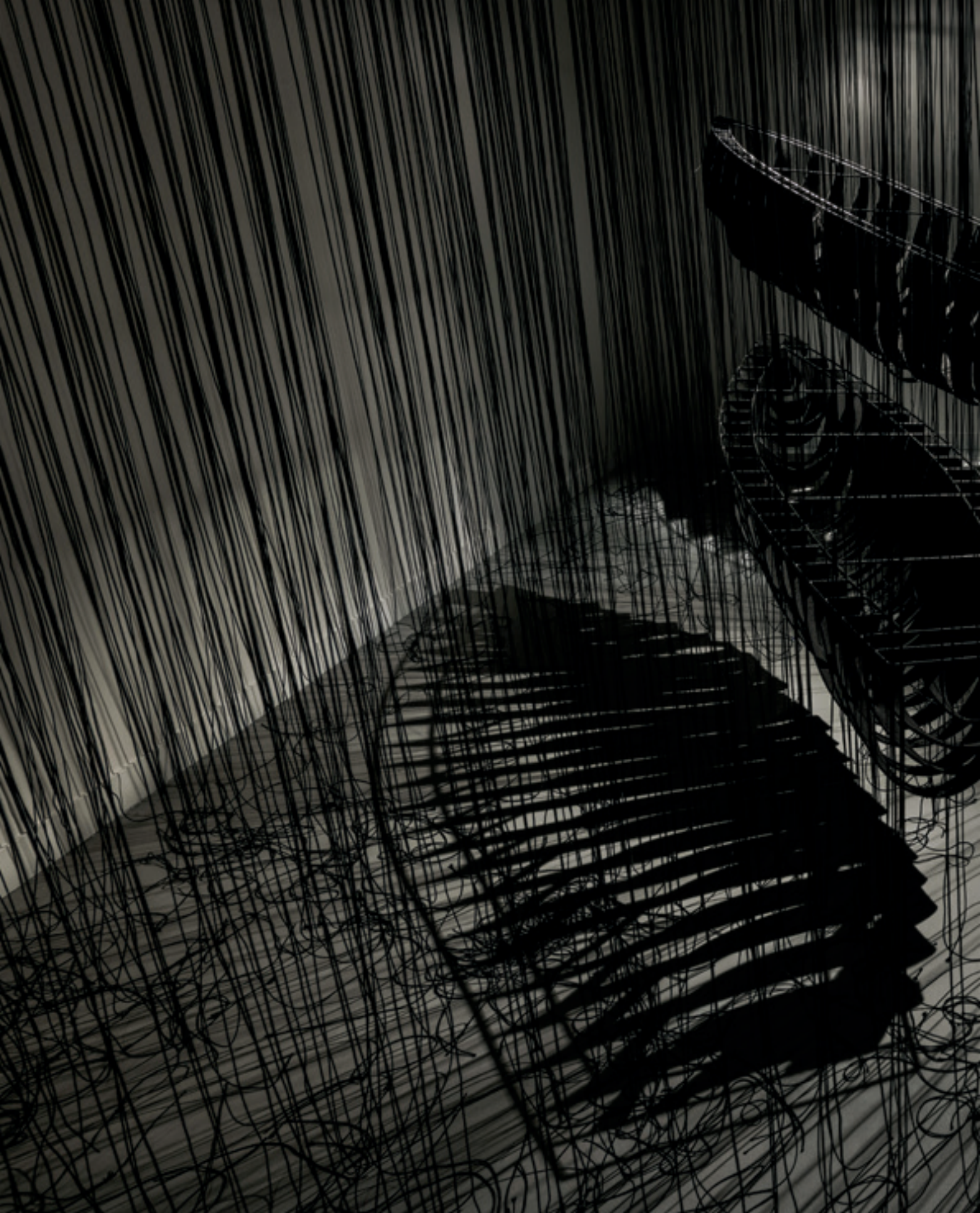
[State of Being]

2019

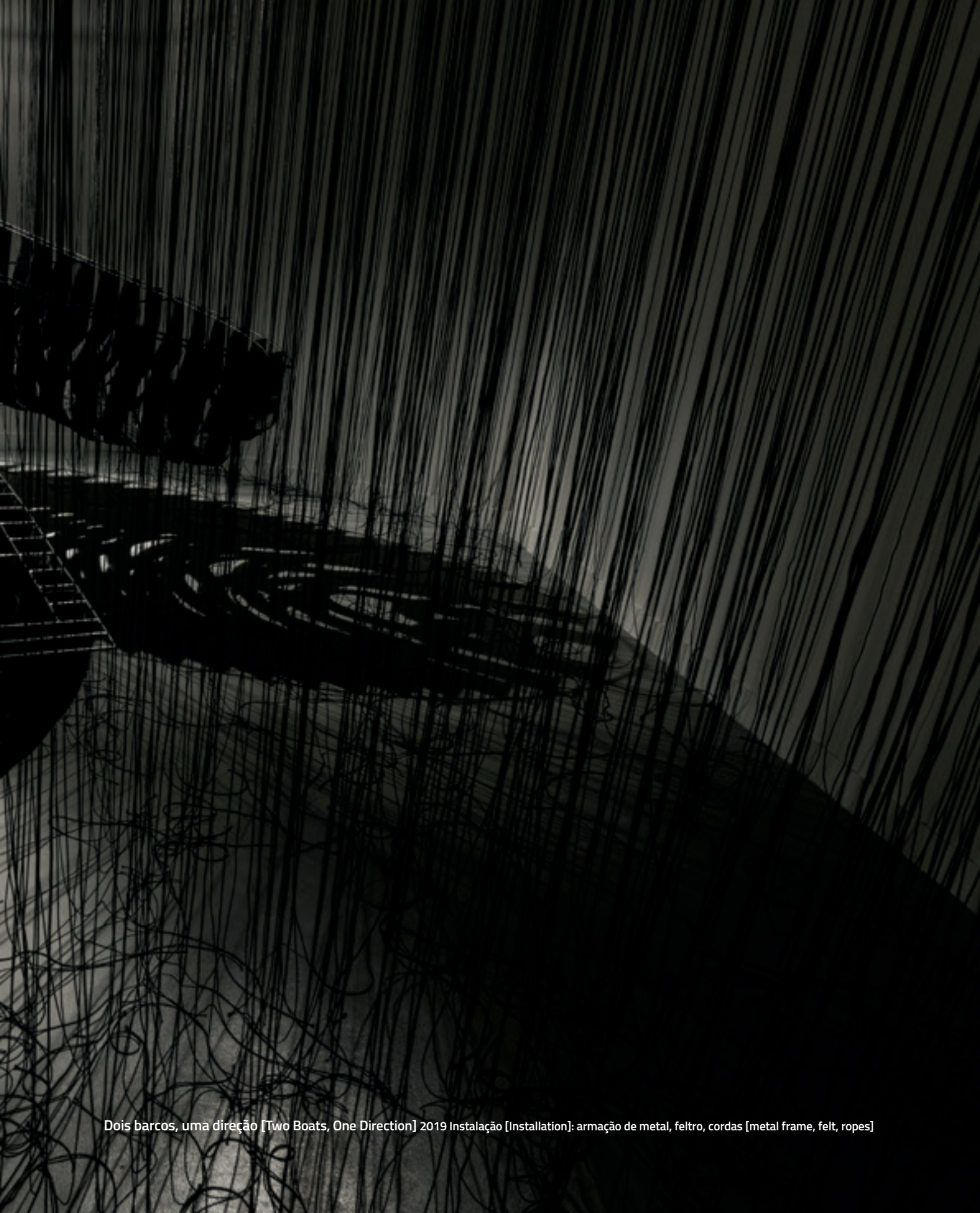
armação de metal e fio  
[metal frame and thread]

138 x 86 x 38 cm









Dois barcos, uma direção [Two Boats, One Direction] 2019 Instalação [Installation]: armação de metal, feltro, cordas [metal frame, felt, ropes]

CHIHARU SHIOTA  
LINHA INTERNA\*  
[INTERNAL LINE]

Tereza de Arruda  
curadora [curator]

A mostra *Linha interna*, de Chiharu Shiota, é composta por uma instalação central homônima idealizada para a galeria do piso térreo da Japan House São Paulo.

Primordialmente, Chiharu faz uso de materiais e aborda ações triviais de seu universo cotidiano, como a linha e o ato de tecer, muitas vezes atribuídos ao universo feminino, que, no entanto, como pode ser constatado nesta exposição, são utilizados pela artista em instalações, de forma monumental e visceral. O emaranhado por ela idealizado representa um traçado preciso, resultado do ato de criação e execução manual. Essa ocupação espacial remete duplamente à tradição da tecelagem e da caligrafia oriental. Os gestos incansáveis e repetitivos dão vazão a um amplo e complexo desenho expandido, cujo início, meio e fim permanecem incógnitos. As linhas vermelhas são uma alusão ao sangue que percorre nossa veias e que nos une, como linhas internas a nos guiar. Estas dão sustentabilidade a três seres ausentes, representados aqui pelas vestimentas – suspensas, autônomas e interligadas como se fosse pelo cordão umbilical, a dar vazão à existência, à troca e ao resguardo da memória de uma vivência efêmera.

“No centro desse novo espaço criado está uma presença física. Um corpo de memórias acumuladas. Nosso vestido não é apenas nossa segunda pele, mas vai além de nossa nacionalidade e da cor de nossa pele. E, na medida em que nosso vestido nos acompanha na vida cotidiana, ele se torna o acúmulo de nossas memórias, que reunimos diariamente. Mas o corpo está virado do avesso. Revelada a rede complexa dos vasos sanguíneos, como o sangue nos conecta, ele é a única coisa que todos nós temos em comum.” Chiharu Shiota

Chiharu Shiota é testemunha e protagonista de seu tempo. A passagem do século XX para o XXI está presente em seu trajeto: o pós-feminismo, o pós-

The show *Internal Line* by Chiharu Shiota, consists of a central installation of the same name conceived for the gallery on the ground floor of Japan House São Paulo.

Chiharu's work essentially involves materials and actions from her daily life, such as yarn and the act of weaving, often attributed to the woman's world, but which the artist uses – as can be seen in this exhibition – in a monumental and visceral way. The tangle she conceived is composed of precise lines, resulting from her act of creation, and strung by hand through the space. This spatial occupation refers to both the tradition of weaving and to oriental calligraphy. The tireless and repetitive gestures give vent to a copious and complex expanded drawing, whose beginning, middle and end remain unknown. The red lines are an allusion to the blood that runs through our veins and which unites us, like internal, guiding lines. These lend sustainability to three absent beings, represented here by their clothing – suspended, autonomous and interlinked as though by an umbilical cord, allowing for the existence, exchange and safekeeping of the memory of an ephemeral experience.

“Centred in this new created space is a physical presence. A body of accumulated memory. Our dress is not only our second skin but goes beyond our skin colour and nationality. And while our dress accompanies us in our daily life, it becomes the accumulation of our memories, which we collect everyday. But the body is turned inside out. The complex network of blood vessels revealed, as blood connects us, it is the one thing that we all share.” Chiharu Shiota

Chiharu Shiota is both a witness and protagonist of her time. The passage from the 20th to the 21st century is present in her personal and artistic path:





**Linha Interna [Internal Line] 2019 Instalação [Installation]: fio, corda, vestido [thread, rope, dress] Japan House, São Paulo, SP**

eurocentrismo e a pós-globalização são premissas para o aprofundamento de um novo diálogo no âmbito cultural e social.

Os visitantes da mostra são convidados a explorar o potencial narrativo da obra arquitetada em uma rede aberta, sedutora e que estimula a criação de novos laços.

*Linha interna* revela-nos em seu conteúdo diretrizes do universo subjetivo da artista e/ou de sua remota relação com o Brasil. Seu pai cogitou, na juventude, emigrar para o país – o que nunca fez. Sempre que tem a oportunidade de percorrer São Paulo, seja por ocasião de sua primeira mostra no Brasil, no Sesc Pinheiros, em 2015, ou em 2019, com mostras concomitantes na Japan House São Paulo e no Centro Cultural Banco do Brasil, Chiharu Shiota nota e se sensibiliza com a grande presença de asiáticos inseridos na sociedade local. Este poderia ter sido o seu lugar, o seu alinhamento sociocultural!

post-feminism, post-Eurocentrism and post-globalization are premises for the deepening of a dialogue in the cultural and social sphere. Visitors to the show are invited to explore the potential narrative of the artwork architected in an open, appealing network that stimulates the creation of new bonds.

In its content, *Internal line* | *Linha interna* reveals guidelines of the artist's subjective universe and/or remote relation with Brazil. During her youth, her father thought about emigrating to Brazil, but never did. Whenever she has had the opportunity to get to know the city of São Paulo, either on the occasion of her first show in Brazil, at Sesc Pinheiros, in 2015, or in 2019, with simultaneous shows at Japan House São Paulo and at the Centro Cultural Banco do Brasil, Chiharu Shiota has been struck by the great number of people of Asian ancestry who play an active part in the local society. This could have been her place, her sociocultural alignment!!



# CHIHARU SHIOTA

cronologia  
[timeline]

- 1972** Chiharu Shiota nasce em Osaka (Japão).
- 1992** Inicia seus estudos de pintura na Universidade Seika de Quioto (Japão). No segundo ano, porém, tem dificuldades com a forma artística.
- 1993/** Aproveita a oportunidade de um  
**1994** intercâmbio estudantil para cursar a Canberra School of Art (Austrália); até então, mantinha-se na área da pintura.
- No entanto, ainda durante o período de intercâmbio, Shiota apresenta *Tornando-se pintura*, uma expressiva performance que mostra sua descontinuidade em relação à pintura como prática artística, convertendo-se ela mesma em tela e despejando tinta esmalte por todo o corpo.
- 1995** Sua explosão de criatividade na Austrália prossegue no Japão. Na mostra individual “Minha existência como extensão física”, no templo Hōnen-in, em Quioto, ela apresenta outra instalação em que expõe parte de seu corpo. Uma representação de seu cordão umbilical pende sobre uma área de cinzas, ligando vida e morte.
- 1996** Depois de se formar na Universidade Seika de Quioto, matricula-se na Hochschule für Bildende Künste de Hamburgo (Alemanha).
- 1997** Shiota decide frequentar a Hochschule für Bildende Künste em Braunschweig (Alemanha), a fim de prosseguir nos estudos com Marina Abramović.

- 1972** Chiharu Shiota born in Osaka, Japan.
- 1992** She begins her studies in painting at Kyoto Seika University in Japan. However, in her second year, she struggles with the art form. She takes the opportunity to study as an exchange student at the Canberra School of Art in 1993; yet, stays in the painting department.
- 1993/** During her exchange year in Australia, Shiota  
**1994** enacts *Becoming Painting*, an expressive performance piece that demonstrates her discontinuation from painting as a skilful art practice by becoming a canvas herself and pouring enamel paint all over her body.
- 1995** Shiota’s creative outburst in Australia continues in Japan. In her solo exhibition *My Existence as a Physical Extension* at Hōnen-in temple, in Kyoto, Japan, she presents another installation where she exposes a part of her body. Her umbilical cord hangs over a field of ashes, connecting life with death.
- 1996** After graduating from Kyoto Seika University, she enrolls at the Hochschule für Bildende Künste Hamburg in Germany.
- 1997** Shiota decides to attend the Hochschule für Bildende Künste in Braunschweig, Germany, in order to continue her studies with Marina Abramović.
- 1999** She moves to Berlin, Germany, where she begins to study with the artist Rebecca Horn, at the Universität der Künste.



ACUMULAÇÃO, 1994  
*Accumulation*

Instalação [Installation]: bolotas de carvalho, lã preta [acorns, black wool]  
Galeria da entrada da [Foyer Gallery at] Australian National University School of Art Canberra, Austrália [Australia]  
Foto [Photo] Ben Stone



DEPOIS DAQUILO, 1999  
*After That*

Instalação [Installation]: vestido, lodo, água, chuveiro [dress, dirt, water, shower] Universität der Künste, Berlim, Alemanha [Berlin, Germany]  
Foto [Photo] Chiharu Shiota



DURANTE O SONO, 2000  
*During Sleep*

Performance/Instalação [Performance/Installation]: cama de metal, roupa de cama, lã preta [metal bed, bedding, black wool] Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha [Berlin, Germany]  
Foto [Photo] Søren Dø

**1999** Muda-se para Berlim (Alemanha), onde começa a estudar com a artista Rebecca Horn, na Universität der Künste.

Com sua instalação *Depois daquilo*, mais tarde renomeada como *Memória da pele*, ela apresenta seu conceito do “vestido como segunda pele” – tema recorrente na carreira artística de Shiota. “A roupa permite expressarmos-nos para além de nossa nacionalidade e cor da pele. A roupa é o corpo que escolhemos usar e, enquanto a usamos, ela acumula nossos sentimentos e memórias do nosso cotidiano. No fim, resta uma casca de nosso corpo, um estado do nosso ser”, diz a artista.

**2000** Com sua instalação *Respirando a partir da terra* – mais tarde renomeada *Durante o sono*, a artista combina sua noção de uma memória coletiva e de presença humana, reunindo leitos militares e hospitalares velhos e abandonados, envolvendo-os em uma rede negra, similar a um espaço universal, como o céu noturno.

She introduces with her installation *After That*, later retitled to *Memory of Skin*, her concept of ‘dress as a second skin’ – a recurring theme in Shiota’s artistic career. “*Clothing allows us to express ourselves beyond our skin colour and nationality. It is the body that we choose to wear, and while we wear it, the clothing accumulates our feelings and memories of our daily life. In the end, a shell of our body remains, a state of our being.*”

**2000** With her installation *Breathing from Earth* – later retitled to *During Sleep*, she combines her notion of a collective memory and human presence by gathering old, abandoned hospital and military beds, and engulfing them within a black web, similar to a universal space, like the night sky. At the opening, she performs with other sleeping bodies. “*During the exhibition there were times when I fell asleep but woke up in between. I sometimes wondered what would happen if my eyes never opened again and I lay there dead in presence of the visitors.*”



MEMÓRIA DA PELE, 2001  
*Memory of Skin*

Instalação [Installation]: vestidos, lodo, água, chuveiros [dresses, dirt, water, showers]  
Yokohama 2001 – Trienal Internacional de Arte Contemporânea: "Mega onda – Rumo a uma nova síntese" [International Triennale of Contemporary Art: Mega Wave – "Towards a New Synthesis"]  
Yokohama, Japão [Japan]  
Foto [Photo] Tetsuo Ito



EM SILÊNCIO, 2002  
*In Silence*

Instalação [Installation]: lã preta, piano de cauda queimado, cadeiras queimadas [black wool, burnt grand piano, burnt chairs]  
Akademie Schloss Solitude, Stuttgart, Alemanha [Germany]  
Foto [Photo] Sunhi Mang



COTIDIANO INCERTO – LEITO DE MORTE, 2002  
*Uncertain Daily Life – Death Bed*

Instalação [Installation]: telhas, água, chuveiro, cama, lama, bomba [tiles, water, shower, bed, mud, pump]  
Galeria [Gallery] Kenji Taki, Tóquio, Japão [Tokyo, Japan]  
Foto [Photo] Tetsuo Ito

No começo da performance, ela atua com outros corpos adormecidos. Shiota lembra: "Durante a exposição, havia vezes em que eu adormecia, mas acordava no meio. Às vezes eu me perguntava o que aconteceria se meus olhos nunca mais se abrissem e eu ficasse ali morta na presença dos visitantes."

**2001** Chiharu Shiota participa de sua primeira exposição internacional na Trienal de Yokohama (Japão), com a curadoria de Akira Tatehata, e apresenta *Memória da pele*. A instalação combina a curiosidade da artista sobre a presença humana e sua atitude em relação ao vestido como segunda pele, mostrando cinco vestidos brancos com 12 metros de comprimento, suspensos a partir do teto, com água enlameada caindo sobre eles.

**2002** Reintroduz fios em sua arte e expressa uma vigorosa memória de infância com sua instalação *Em silêncio*, realizada durante

**2001** Shiota takes part at her first international exhibition at the Yokohama Triennale, curated by Akira Tatehata, and displays *Memory of Skin*. The installation combines Shiota's curiosity about human presence with her attitude towards dress as a second skin and suspends five 12m long white dresses from the ceiling, while dirty water showers them.

**2002** Shiota reintroduces thread in her art and expresses a powerful childhood memory with her installation *In Silence*, featured during her scholarship at Akademie Schloss Solitude in Stuttgart, Germany. She places thereby a burnt piano into a web of black thread. The piano has lost its function, but Shiota is able to visualize the sound. "My true word has no sound."

**2003** An extended version of her installation *In Silence* is shown at the Württembergischer Kunstverein in Stuttgart. The exhibition *Way into Silence*,



o período em que teve uma bolsa de estudos na Akademie Schloss Solitude, em Stuttgart (Alemanha). Nela Shiota instala um piano queimado dentro de uma rede de fios pretos. O piano perdeu sua função, mas a artista consegue visualizar o som, e afirma: "Minha verdadeira palavra não tem som."

- 2003** Uma versão ampliada da instalação *Em silêncio* é mostrada na Württembergischer Kunstverein, em Stuttgart. A exposição "Rumo ao silêncio", com curadoria de Andrea Jahn, é a primeira mostra individual de Shiota numa instituição de arte, acompanhada também pela publicação de seu primeiro catálogo individual.
- 2004** Shiota apresenta sua obra *De-Para* na Espanha, na Primeira Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Sevilha – "A Alegria dos meus sonhos", com curadoria de Harald Szeeman. A instalação de Shiota é feita com janelas velhas, que ela juntou durante meses em obras de construção na ex-Berlim Oriental.
- 2005** Diagnosticada com câncer no ovário, a artista passa por diversas cirurgias. Esse confronto com a morte a inspira a retomar o desenho em papel. A expressão de seus sentimentos e emoções nos desenhos lhe permite comunicar pensamentos inexprimíveis em palavras.
- 2007** Embora Shiota tenha se recuperado plenamente dos problemas diagnosticados, as circunstâncias dificultam a possibilidade de ter filhos. Sofre um aborto espontâneo e, por fim, dá à luz uma filha. Inicia-se para ela uma nova era como artista e mãe. Shiota sabe que essas facetas muitas vezes não se harmonizam, mas está decidida a assumir os dois papéis.
- 2008** Shiota volta à sua cidade natal, Osaka, e apresenta sua extensa individual "Sopro do espírito", no Museu Nacional de Arte.
- 2009** Para a mostra coletiva internacional do Museu de Arte Contemporânea do Século 21, em Kanazawa (Japão), ela cria *Um quarto da memória*, com mil janelas, refletindo seu sentimento de estar "no meio" que a acompanha desde que

curated by Andrea Jahn, is Shiota's first solo show at an art institution, which is also accompanied with her first solo catalogue publication.

- 2004** Shiota presents her work *From-Into* at the First International Biennial of Contemporary Art of Seville – The Joy of My Dreams curated by Harald Szeeman. Shiota's installation is constructed from old windows that she had collected for months from construction sites in former East Berlin.
- 2005** Shiota is diagnosed with ovarian cancer and undergoes multiple operations. This confrontation with death inspires her to draw on paper again. Expressing her feelings and emotions through her drawings enables her to communicate unspeakable thoughts.
- 2007** Even though Shiota fully recovers from her diagnoses, the circumstances make it difficult for her to have children, and she experiences a miscarriage before she eventually gives birth to her daughter. A new era as an artist and mother begins for her. Shiota knows that these aspects often do not harmonize, but she is determined to be both.
- 2008** Shiota returns to her hometown Osaka and presents her extensive solo exhibition *Breath of the Spirit* at the National Museum of Art.
- 2009** For the international group show at the 21<sup>st</sup> Century Museum of Contemporary Art in Kanazawa, she creates *A Room of Memory* with 1000 windows, reflecting her feelings of being 'in between', which have followed her ever since she has left Japan and moved to Germany. "I feel as if the windows divide the inside from the outside and vice versa. Sometimes the two spaces mix and I can't distinguish whether I am inside or outside." The artwork becomes part of the museum's collection.

Later that year, she creates the stage design for *Oedipus Rex*, directed and choreographed by Constanza Macras and Dorky Park at the



UM QUARTO DA MEMÓRIA, 2009  
*A Room of Memory*

Instalação [Installation]: janelas velhas de madeira [old wooden windows]  
Museu de Arte Contemporânea do Século 21 [21<sup>st</sup> Century Museum of Contemporary Art]  
Kanazawa, Japão [Japan]  
Foto [Photo] Sunhi Mang



ÁGUA CORRENTE, 2009  
*Flowing Water*

Instalação [Installation]: leitos de hospital, roupa de cama, telefones, fotos, água [hospital beds, bedding, telephones, photos, water]  
Museu de Arte da Floresta Nizayama, [Nizayama Forest Art Museum] Toyama, Japão [Japan]  
Foto [Photo] Sunhi Mang



DIÁLOGO COM A AUSÊNCIA, 2010  
*Dialogue with Absence*

Instalação [Installation]: bombas, tripés, vestido, tubos [pumps, tripods, dress, tubes]  
Christophe Gaillard Pop-up Gallery, Berlim, Alemanha [Berlin, Germany]  
Foto [Photo] Sunhi Mang

deixou o Japão e se mudou para a Alemanha. “Sinto como se as janelas dividissem o lado de dentro e o lado de fora e vice-versa. Às vezes os dois espaços se misturam e não consigo distinguir se estou dentro ou fora”, ela diz. A obra passa a integrar o acervo do museu.

Meses depois, ela cria o cenário de *Édipo rei*, com direção e coreografia de Constanza Macras e Dorky Park, no Centro Europeu de Artes, Festspielhaus Hellerau, em Dresden (Alemanha), e no teatro Hebbel Am Ufer, em Berlim. Shiota observa: “Há uma grande diferença entre um museu e um teatro quando se trata de avaliar o conteúdo. O poço entre o palco e o auditório cria uma distância que afeta nossa percepção”.

**2011** Shiota cria com Pia Maier Schriever o cenário para a ópera *Matsukaze*, composta por Toshio Hosokawa, com direção e coreografia de Sasha Waltz. A ópera estreia no Théâtre Royal de la Monnaie, em Bruxelas (Bélgica).

**2012** Como parte de sua individual “Sincronizando cordas e rizomas”, com curadoria de Menene Gras Balaguer, na Casa Asia em Barcelona (Espanha), Shiota publica seu catálogo individual

European Center for the Arts, Festspielhaus Hellerau in Dresden and at the theatre Hebbel Am Ufer in Berlin. “*There is a big difference between a museum and a theatre when it comes to appreciating its content. The pit between the stage and the auditorium creates a distance that affects our perception.*”

**2011** Shiota creates together with Pia Maier Schriever the stage design for the opera *Matsukaze*, composed by Toshio Hosokawa and directed and choreographed by Sasha Waltz. The opera premieres at the Théâtre Royal de la Monnaie, Brussels, Belgium.

**2012** As part of her solo exhibition *Synchronizing Strings and Rhizomes*, curated by Menene Gras Balaguer at Casa Asia in Barcelona, Spain, Shiota publishes her solo catalogue *The Hand Line*, which includes a collection of essays written by curators and directors such as Mami Kataoka, among others.

**2013** Shiota exhibits her solo show *Letters of Thanks* at the Museum of Art, Kochi, in Japan. She has fond memories of spending summer vacations in the Kochi prefecture, as it is

*Linha da mão*, que incluiu uma coletânea de ensaios escritos por curadores e diretores como, entre outros, Mami Kataoka.

**2013** A exposição individual “Cartas de agradecimento”, no Museu de Arte de Kochi (Japão), traz caras lembranças das férias de verão que a artista passou no município de Kochi, terra natal de seus pais. Infelizmente, seu pai não tem condições de visitar a mostra, devido a um ferimento na cabeça que sofrera muitos anos antes, num acidente de trabalho.

Na instalação, Shiota reúne, dentro de uma rede de fios pretos, 2.400 cartas de agradecimento, o que dá origem a um sentimento coletivo de gratidão. Reconhece que jamais conseguiria realmente expressar em palavras sua gratidão aos pais e lhes dedica a instalação. Seu pai falece logo após a abertura da exposição.

No mesmo ano, Shiota sofre um aborto espontâneo no segundo trimestre da gravidez. Depois dessa experiência profundamente penosa, ela se retira da vida pública, mas expressa suas emoções por meio da performance em vídeo *Terra e sangue*, na qual reflete seu estresse físico.

**2015** Shiota é solicitada a criar uma obra para o Pavilhão do Japão, com curadoria de Hitoshi Nakano, na 56ª Exposição Internacional de Arte – a Bienal de Veneza (Itália). Essa obra continua a ser uma de suas instalações mais conhecidas. Ela cria *A Chave na mão*, uma obra *in situ*. Shiota reuniu 180 mil chaves de todo o mundo, colocando-as numa rede vermelha e dentro de barcos, assim abordando os conceitos de existências e conexões humanas. No mesmo ano, a artista faz sua primeira exposição individual na América do Sul, “Procurando o local de destino”, no Sesc Pinheiros, em São Paulo (Brasil), com curadoria de Tereza de Arruda, expondo três instalações *in situ*.

**2016** A instalação *Sono consciente* é apresentada na Ilha Cacatua, como parte da 20ª Bienal de Sydney (Austrália), com curadoria de Stephanie Rosenthal.

her parents’ hometown. Unfortunately, her father is unable to travel to the exhibition because of a head injury he had suffered many years earlier from a work accident.

For the installation, Shiota collects 2400 thank-you letters and connects them within a web of black thread. Through the installation, she creates a collective feeling of appreciation. She admits that she could never truly express her gratitude towards her parents verbally and dedicates the installation to them. Shortly after the opening her father passes away.

In the same year, Shiota endures a miscarriage during her second trimester. After this deeply distressing experience, she retreats from the public life, but eventually expresses her emotions by creating the video performance *Earth and Blood*, in which she reflects her physical stress.

**2015** Shiota is asked to create an artwork for the Japan Pavilion curated by Hitoshi Nakano at the 56th International Art Exhibition – la Biennale di Venezia in Venice, Italy. This installation remains one of her most well-known artworks. For *The Key in Hand*, Shiota collected 180.000 keys from all over the world to place them in a red web and within Venetian boats, thereby confronting concepts of human existences and connections.

Later that year, Shiota has her first solo exhibition in South America, *Searching for the Destination* at Sesc Pinheiros, in São Paulo, Brazil, curated by Tereza de Arruda, exhibiting three site-specific installations.

**2016** The installation *Conscious Sleep* is displayed on Cockatoo Island as part of the 20th Biennale of Sydney, curated by Stephanie Rosenthal. Shiota exhibits in the same year *After the Dream*, at the Toyota Municipal Museum of Art, Aichi, Japan.





PELOS CONTINENTES, 2015  
*Over the Continents*

Instalação [Installation]: sapatos velhos, lã vermelha [old shoes, red wool]  
Sesc, São Paulo, Brasil [Brazil]  
Foto [Photo] Érica Georgino



A CASA INTERIOR, 2016  
*The Home Within*

Instalação [Installation]: estrutura de metal, lã vermelha [metal frame, red wool]  
Melbourne Festival, representada pela [represented by] Anna Schwartz Gallery Melbourne, Austrália [Australia]  
Foto [Photo] James Henry



CARTAS DE AGRADECIMENTO, 2017  
*Letters of Thanks*

Instalação [Installation]: cartas de agradecimento, lã preta [thank-you letters, black wool]  
Kunsthalle Rostock, Rostock, Alemanha [Germany]  
Foto [Photo] Fotoagentur Nordlicht

No mesmo ano, Shiota expõe *Depois do sonho*, no Museu Municipal de Arte Toyota, em Aichi (Japão).

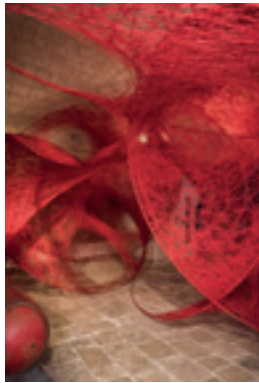
**2017** Publica um amplo catálogo individual, *Unter der Haut* [*Sob a pele*], como parte de sua mostra individual de mesmo nome, com curadoria de Tereza de Arruda, no Kunsthalle Rostock (Alemanha).

**2018** Com a individual "Encarnada", na Art Gallery of South Australia, Shiota explora materiais novos, como bronze e gesso, na instalação *Ausência encarnada*. Inclui moldes esculturais de seu corpo e dos corpos do marido e da filha, dispondo partes corpóreas dentro de uma rede que se assemelha ao sangue. Utiliza a instalação para enfrentar seu segundo diagnóstico de câncer e demonstrar sua maneira de superá-lo. Essa é a primeira instituição de arte australiana a adquirir uma instalação de Shiota.

**2017** Shiota publishes a comprehensive solo catalogue *Under the Skin/Unter der Haut* as part of her solo exhibition of the same title, curated by Tereza de Arruda, at Kunsthalle Rostock, Germany.

**2018** With her solo exhibition *Embodied* at the Art Gallery of South Australia, Shiota explores new material such as bronze and plaster in her installation *Absence Embodied*. She includes sculptural casts of her own body and the bodies of her husband and daughter, displaying scattered body parts within a blood-like web. She uses the installation to confront her second cancer diagnoses and her way of overcoming it. This is the first Australian art institution to acquire an installation by Shiota.

**2019/2020** Shiota exhibits her installation *Beyond Memory* within the atrium of Gropius Bau in Berlin, Germany. Her aim is to create a conjunction between the past and present through her work. *"The visitor may visit"*



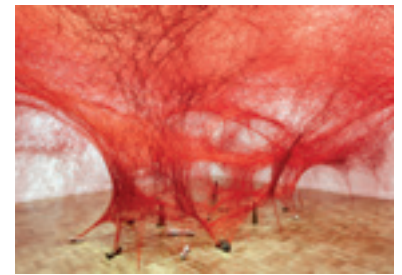
CIRCULAÇÃO, 2018  
*Circulation*

Instalação [Installation]: aros de metal, lã vermelha [metal rings, red wool]  
Valletta 2018, Capital Europeia da Cultura [European Capital of Culture]  
Valletta, Malta  
Foto [Photo] Daniel Mifsud



SONHO DE BORBOLETA, 2018  
*Butterfly Dream*

Performance/Instalação [Performance/Installation]: lã branca, camas de metal, roupa de cama [white wool, metal beds, bedding]  
Museu de Quioto, Japão [Kyoto Museum, Japan]  
Foto [Photo] Masayuki Kunimoto



AUSÊNCIA ENCARNADA, 2018  
*Absence Embodied*

Instalação [Installation]: bronze, gesso, lã vermelha [bronze, plaster, red wool]  
Art Gallery of South Australia, Adelaide, Austrália [Australia]  
Foto [Photo] Saul Steed

**2019/2020** Shiota expõe a instalação *Além da memória*, no átrio da Gropius Bau em Berlim. Seu objetivo é criar uma conjunção entre passado e presente, por meio de sua obra. “O visitante pode visitar apenas uma vez a mostra, mas esse encontro deixará o espectador conectado à história da Gropius Bau, continuará em sua memória mesmo depois da desmontagem da instalação”, afirma ela.

Shiota volta ao Japão para sua exposição individual “A alma treme”, no Museu de Arte Mori, em Tóquio. A mostra apresenta uma coleção de obras que refletem os últimos 25 anos de sua carreira artística, mas também inclui obras novas, que examinam o sentido da vida e a existência da alma.

Chiharu Shiota realiza exposição *Chiharu Shiota | Linhas da vida* no Centro Cultural Banco do Brasil em São Paulo e a instalação *Linha Interna* na Japan House São Paulo. Depois a exposição e a instalação são apresentadas em Brasília e Rio de Janeiro também pelo Centro Cultural Banco do Brasil.

*the exhibition only once, but this encounter will leave the viewer connected to the history of Gropius Bau, it will remain in their memory even after the installation is deconstructed again.”*

Shiota returns to Japan to display her solo show *The Soul Trembles* at the Mori Art Museum, in Tokyo. The exhibition presents a collection of works reflecting the last 25 years of her artistic career, but also includes new works which examine the meaning of life and the existence of the soul.

Chiharu Shiota presents the exhibition *Chiharu Shiota | Lifelines* at the Centro Cultural Banco do Brasil in São Paulo, and the installation *Internal Line* at Japan House São Paulo. Later, the exhibition and installation are presented in Brasília and Rio de Janeiro also by Centro Cultural Banco do Brasil.

LINHAS DA VIDA  
LIFELINES  
**CHIHARU  
SHIOTA**

**Patrocínio |  
Sponsorship**  
Banco do Brasil

**Realização |  
Realization**  
Secretaria Especial da Cultura  
Ministério da Cidadania  
Centro Cultural Banco do Brasil

**Apoio institucional |  
Institutional Support**  
Japan House São Paulo

**Apoio | Support**  
Pingouin Fios

**ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO |  
ORGANIZATION AND PRODUCTION**  
Companhia das Licenças  
Licenciamentos Ltda.

**Coordenação geral |  
General Coordination**  
Base7 Projetos Culturais  
Arnaldo Spindel  
Ricardo Ribenboim

**Diretoria-adjunta |  
Deputy Directors**  
*Planejamento e projetos |  
Planning and Projects*  
Renata Viellas Rödel  
*Produção | Production*  
Daniela Vicedomini Coelho  
*Administrativo e financeiro |  
Financial and Administrative*  
Carmen Maria de Sousa

**EXPOSIÇÃO | EXHIBITION**

**Curadora | Curator**  
Tereza de Arruda

**Coordenação geral |  
General Coordination**  
Base7 Projetos Culturais  
Arnaldo Spindel  
Ricardo Ribenboim

**Diretoria-adjunta |  
Deputy Directors**  
*Planejamento e projetos |  
Planning and Projects*  
Renata Viellas Rödel

**Produção | Production**  
Daniela Vicedomini Coelho

**Administrativo e financeiro |  
Financial and Administrative**  
Carmen Maria de Sousa

**Coordenação museológica |  
Museological Coordination**  
Daniela Vicedomini Coelho

**Coordenação de conteúdo |  
Content Coordination**  
Yuri Fomin Quevedo

**Produção executiva |  
Executive Production**  
Marta Masiero  
Regiane Rykovsky

**Assistentes | Assistants**  
Fabiola Antonio  
Pedro Ermel  
Shirlene Lourenço

**Projeto expográfico |  
Exhibition Design**  
Alvaro Razuk  
*Assistentes | Assistants*  
Daniel Winnik  
Ligia Zilbersztein  
Tábata Sung

**Projeto de iluminação |  
Lighting Design**  
Samuel Betts

**Identidade visual | Visual Identity**  
Via Imprensa Design Gráfico  
Carlos Magno Bomfim  
*Direção de arte | Art Direction*  
Paulo Otávio

**Preparação do espaço |  
Exhibition Area Preparation**  
Nivaldo Souza Brandão

**Ampliações fotográficas |  
Photo Enlargement**  
Estúdio Marcos Ribeiro

**Molduras | Frames**  
Capricho Molduras



**Registros de audiovisual |  
Audiovisual Records**

Ding Musa e equipe

**APP e audioguia |  
App and Audio Guide**  
20Dash

**Videoanimações em libras |  
Videos in Brazilian Sign Language**  
Iguale Comunicação de Acessibilidade

**Instalações audiovisuais |  
Audiovisual Equipment**  
MMV Montagem audiovisuais

**Revisão de textos | Texts Revision**  
Lia Ana Trzmielina

**Tradução de textos | Translation**  
Denise Bottmann  
John Norman

**Projeto de estruturas  
metálicas e instalação |  
Project of Metal Structures  
and Site-specific Installation**  
Paulo Masson

**Consultoria em engenharia |  
Engineering Consulting**  
Jarreta Projetos

**Laudos técnicos | Condition Reports**  
Helô Biancalana Espaço de  
Conservação e Restauro

**Montagem fina | Artwork Setup**  
Marcio Rene Produção e Montagem

**Montagem de obra site-specific  
Site-specific Work Setup**  
Athina Tsantekidou /  
Atelier Chiharu Shiota  
Christina Tsantekidou /  
Atelier Chiharu Shiota  
Gala Art Installation

**Assessoria de imprensa | Press Relations**  
A4&Holofote Comunicação  
Neila Carvalho  
Mai Carvalho

**Seguro | Insurance**  
Dominici Corretora de Seguros

**Transporte | Transportation**  
Millenium Transportes (Brasil | Brazil)  
Schenker (Alemanha | Germany)

**AGRADECIMENTOS |  
ACKNOWLEDGMENTS**  
Beatriz Yunes Guarita;  
Coleção Ivani e Jorge Yunes;  
Atelier Chiharu Shiota: Julia Strebelow,  
Rosalie Pflieger, Euan Williams,  
Nathan Saludez, Tomoko Fujimura  
Athina Tsantekidou, Christina Tsantekidou,  
Gaia Vittoria Marturano, Mana Urakami.



**Produção**



**Apoio**



**Apoio Institucional**



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DA  
CIDADANIA



## CATÁLOGO

**Curadora | Curator**  
Tereza de Arruda

**Editora | Publisher**  
Base7 Projetos Culturais  
Arnaldo Spindel  
Ricardo Ribenboim

**Coordenação Editorial | Editorial Coordination**  
Yuri Fomin Quevedo

**Identidade visual | Visual Identity**  
*Via Impressa Design Gráfico*  
Carlos Magno Bomfim  
*Direção de arte | Art Direction*  
Paulo Otávio

**Produção executiva | Executive Production**  
Marta Masiero

**Revisão | Revision**  
Lia Ana Trzmielina

**Tradução | Translation**  
Denise Botmann  
John Norman

**imagens | Images**  
Ding Musa: 4, 6, 8, 10-11,  
20-23, 28-31, 46-51, 76-79, 81.  
© Chiharu Shiota, AUTVIS,  
São Paulo, 2019

**Impressão | Print**  
Maistype

selo  
do papel  
certificado